



Instituto
Souza Cruz

JOVENS COMO PROTAGONISTAS
DO DESENVOLVIMENTO RURAL

RELATÓRIO DE ATIVIDADES 07'





ÍNDICE



4



6



24



30



35



40

APRESENTAÇÃO	4
EMPREENDEDORISMO DO JOVEM RURAL	6
Crédito e Apoio Familiar	8
Territorialidade e Protagonismo Juvenil	10
Empreendedorismo Coletivo	12
Articulações Institucionais	15
Difusão do PEJR	18
Formação de Educadores	22
ADVOCACIA DA CAUSA	24
II Jornada Nacional do Jovem Rural	26
Políticas Públicas “da” Juventude	28
Conselho Nacional da Juventude	29
COMUNICAÇÃO ESTRATÉGICA	30
Juventudes rurais	32
Marco Social e Jovens em Campo	33
AÇÕES COMPLEMENTARES	35
Jornada Escolar Ampliada	37
Grupo Lide/EDH	38
Alfabetização Solidária	39
Clube da Árvore e Hortas Escolares	39
DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS	40
PARCERIAS DE 2007	46
EXPEDIENTE	48



APRESENTAÇÃO



OS OBJETIVOS ESTRATÉGICOS DO INSTITUTO SOUZA CRUZ SÃO:

- a) o trabalho na formação de competências humanas, técnicas e gerenciais capazes de desenvolver nos jovens uma atitude empreendedora frente a situações que envolvam sua individualidade e sua coletividade;*
- b) a defesa política e coletiva de causas sociais voltadas para o desenvolvimento do jovem do campo através da mobilização de pessoas e organizações na busca de soluções para problemas em comum;*
- c) a produção, sistematização e disseminação de conhecimentos sobre o processo de desenvolvimento integral dos jovens no campo.*

Mais uma vez, em 2007, a agricultura brasileira bateu recordes de produção. Enquanto o agronegócio como um todo cresceu 7,89%, segundo dados da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), no que tange especificamente à agricultura familiar, informações do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) indicam o aumento do número de estabelecimentos rurais, o decréscimo do tamanho médio das propriedades e, em complemento, a ampliação da renda. Porém, apesar dessas boas notícias, a sustentabilidade (econômica, social e ambiental) do setor agrícola encontra entraves, tais como a política cambial que limita o crescimento das exportações.

Mas, o principal deles, sem dúvida, é ainda o baixo nível educacional da população do campo. A despeito do maior investimento governamental e privado, o melhor aproveitamento desses recursos (em termos de eficiência e eficácia) depende, a nosso ver, da melhoria da formação dos capitais humano e social do meio rural brasileiro. Sob esse cenário é que cresce a relevância do reconhecimento das ações da sociedade civil organizada em prol de uma nova Educação do Campo, comprometida com o desenvolvimento sustentável dos nossos territórios rurais.

É nesse contexto que se localiza a razão de existir do Instituto Souza Cruz, cujas atividades desenvolvidas em 2007 estão sumarizadas neste relatório. Aqui o leitor tomará conhecimento do que foi realizado para o alcance dos três **OBJETIVOS ESTRATÉGICOS** da organização, através (respectiva e articuladamente) do Programa Empreendedorismo do Jovem Rural, da Rede de Fortalecimento Institucional da Juventude Rural e da política de Comunicação Estratégica. Conhecerá ainda algumas Ações Complementares e as Demonstrações Financeiras da instituição.

Ao dar publicidade às suas atividades, o Instituto Souza Cruz não quer apenas cumprir as exigências de transparência e controle social prescritas a uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), título mais uma vez renovado junto ao Ministério da Justiça. Quer, acima de tudo, granjear adeptos à causa maior a que se dedica, expressa em sua **MISSÃO de contribuir para educar e formar jovens empreendedores no meio rural brasileiro.**

Quiçá, com isso, consiga angariar novos parceiros para concretizar sua **VISÃO** de ter **a juventude do campo como real protagonista do desenvolvimento de suas regiões.**

DANTE LETTI

Presidente do Instituto Souza Cruz



EMPREENDEDORISMO DO JOVEM RURAL

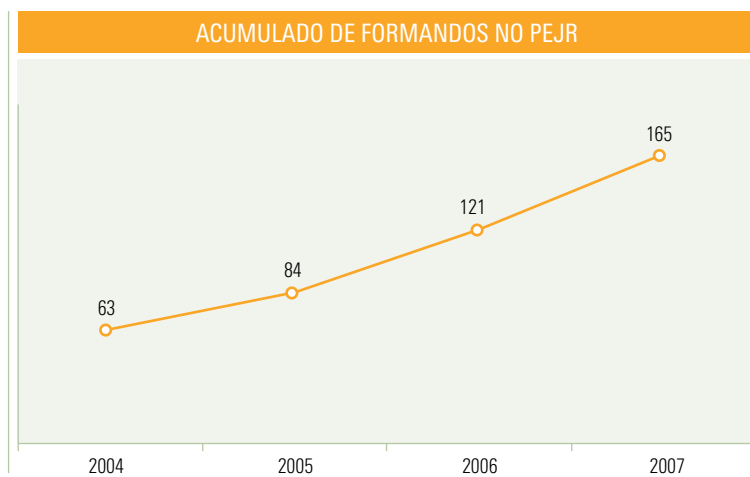


CAMINHAMOS CONSTRUINDO UMA CAMINHADA QUE ACONTECE ENTRE DIVAGAÇÃO E RESULTADO, MUITAS VEZES INCERTO E INESPERADO, DE NOSSAS ESTRATÉGIAS. A INCERTEZA NOS ACOMPANHA E A ESPERANÇA NOS ESTIMULA.

EDGAR MORIN, *sociólogo francês*



No ano passado, 44 foi o número de concluintes no Programa Empreendedorismo do Jovem Rural (PEJR), fazendo com que o acumulado de formandos (desde 2004, quando foram finalizadas as primeiras turmas) chegasse a 165. Já há, portanto, um contingente expressivo de jovens que está colocando em prática o que foi aprendido e experimentado para, através de exercícios de protagonismo e empreendedorismo coletivo, terem participação ativa na formulação dos projetos de desenvolvimento dos seus respectivos territórios rurais.



CRÉDITO E APOIO FAMILIAR

De acordo com a **UNIDADE POLÍTICO-METODOLÓGICA (UPM)** do PEJR, uma das condições para o sucesso na elaboração do Projeto do Jovem Empreendedor Rural (PJER) é a vivência de sua elaboração durante todas e em cada uma das alternâncias. O que se comprova no depoimento de um dos 17 formados no núcleo do **CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DO JOVEM RURAL (CEDEJOR)** do Vale do Rio Pardo (RS): “Já na primeira alternância presencial, os monitores explicaram a metodologia de trabalho e o significado da formação. Como nós mesmos teríamos que escolher o tema do projeto, de acordo com o diagnóstico da propriedade, eu decidi, desde cedo, cultivar morangos orgânicos como fonte alternativa de renda. Não tinha muito conhecimento sobre o assunto e, por isso, realizei pesquisas sobre o modo de plantar e as técnicas utilizadas”, afirma André Luís Glashorester, 19 anos.

A falta de conhecimento foi apenas a primeira barreira superada pelo jovem empreendedor. Sem recursos para a execução do projeto, ele teve que recorrer ao PRONAF-Jovem, a linha de crédito para jovens do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). “Primeiro fui ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Candelária, para conseguir a DAP [Declaração de Aptidão ao PRONAF] e a carta de anuência, que comprova que tenho terra para aplicar o projeto. Em seguida, levei todos os materiais na EMATER/RS [Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Téc-

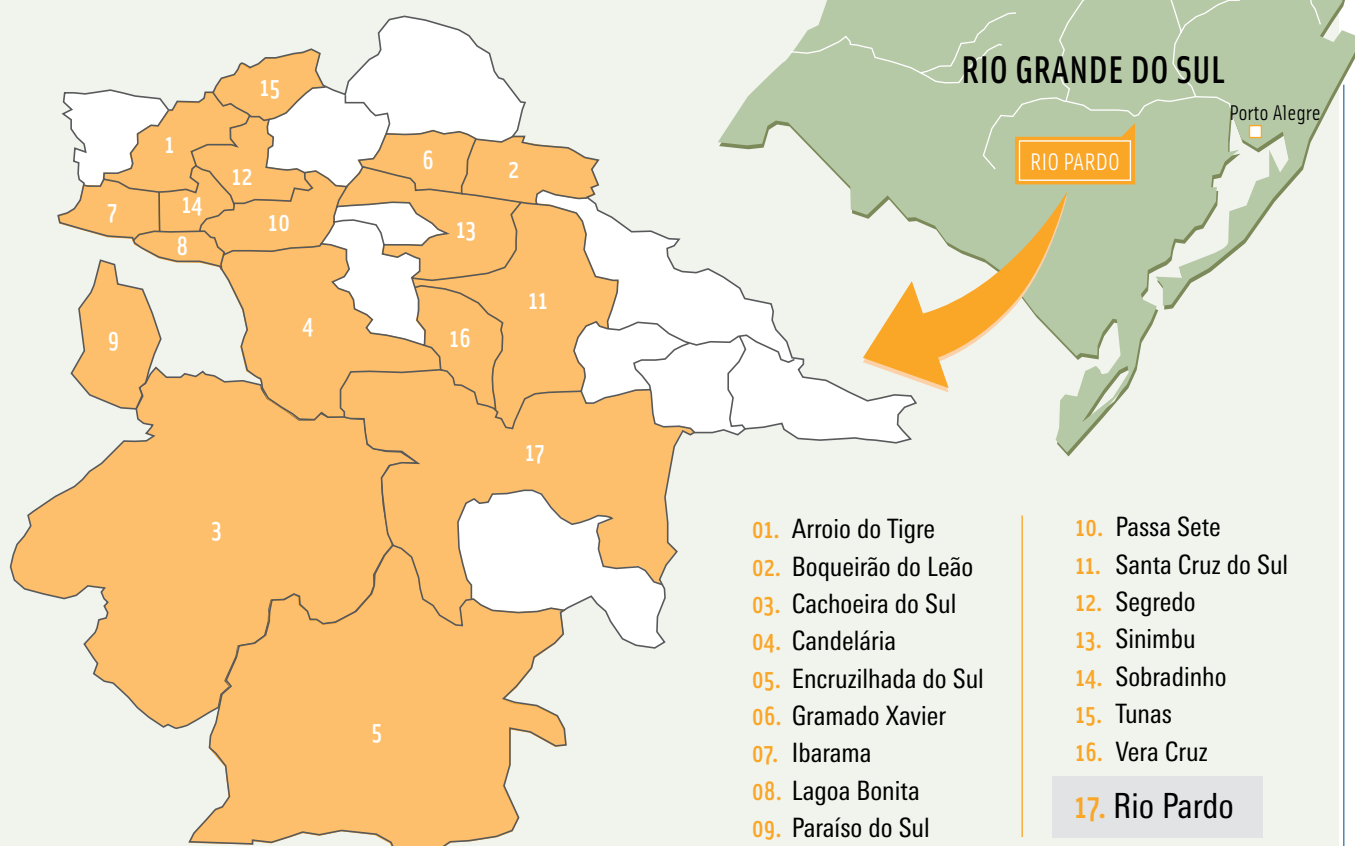


A Unidade Político-Metodológica é uma publicação na qual estão expostas as concepções orientadoras do PEJR. Dirigida às equipes educativas, aos jovens e familiares e aos apoiadores e parceiros, a UPM é uma obra coletiva construída nos sete anos de trabalho que o Instituto Souza Cruz faz com os jovens rurais. Em sua última versão, de maio de 2007, contou com a sistematização de Paulo Emílio Lovato e Wilson Schmidt, professores da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).



O CEDEJOR é uma associação civil sem fins lucrativos, parceira de primeira hora do Instituto Souza Cruz na implementação do PEJR nos três estados do Sul do Brasil. No Rio Grande do Sul, o núcleo fica em Rio Pardo, abrangendo, numa perspectiva territorial, os outros seguintes municípios: Arroio do Tigre, Boqueirão do Leão, Cachoeira do Sul, Candelária, Encruzilhada do Sul, Gramado Xavier, Ibarama, Lagoa Bonita, Paraíso do Sul, Passa Sete, Santa Cruz do Sul, Segredo, Sinimbu, Sobradinho, Tunas e Vera Cruz.

CEDEJOR VALE DO RIO PARDO





O CEDEJOR Centro-Sul do Paraná inaugurou, em 9 de agosto, sua nova sede em Guamiranga, ocupando parte do Centro de Formação de Agentes de Desenvolvimento para a Construção da Cidadania do respectivo território. O projeto de construção da sede foi financiado pelo Programa Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais (PRONAT) e coordenado pela Secretaria de Desenvolvimento Territorial do MDA. A proposição para que o CEDEJOR fosse nucleado nesse novo endereço partiu do próprio Conselho-Gestor do Território, assim como os convites para que fizesse parte da sua diretoria e ficasse responsável pela formação dos jovens rurais da região, previsto no Plano de Trabalho que deu base à construção do prédio. Espaço que conta com salas de aula, biblioteca, laboratório de informática e auditório com capacidade para 150 pessoas. Uma área anexa abriga cozinha, refeitório e alojamentos.



nica e Extensão Rural] para pegar orientações para a elaboração do projeto que, por fim, foi encaminhado ao Banco do Brasil”, conta André, salientando: “Creio que o que aumentou as minhas chances de acesso foi a participação em um programa como o PEJR”.

Caminho similar já havia sido percorrido por Gabriela Bastos Gomes, 18 anos, egressa de uma turma anterior do CEDEJOR Vale do Rio Pardo, uma das primeiras jovens da região a ser contemplada no PRONAF-Jovem. Ela, que assinou o contrato em maio, conta que o processo exigiu uma dose extra de força de vontade e articulação. “Foi um trajeto bem burocrático, com visitas à EMATER/RS, aos sindicatos e ao Banco do Brasil. Acho que sofremos algumas restrições por sermos jovens do campo e, no meu caso, por ser mulher. Nesse ponto, o apoio do CEDEJOR foi fundamental para abrir portas”, explica Gabriela, que também aposta na produção de morangos para ajudar a diversificar a produção de sua propriedade familiar.

Foi na família, inclusive, que Gabriela encontrou o maior amparo. Seu pai, sócio-fundador do CEDEJOR, não esconde o orgulho dos progressos obtidos pela filha. “Sempre dirigi meu trabalho em prol do jovem. Enquanto Gabriela participava das semanas presenciais no núcleo eu pude ver toda teoria sendo posta em prática. Tenho certeza de que o projeto dela vai dar certo. Hoje, os jovens rurais que passam pelo PEJR têm muita credibilidade na região. Isso é uma vitória para todos nós”, comemora o agricultor Paulo Miguel Gomes.

Conquistar o apoio da família também foi uma das estratégias utilizadas por Joziane de Lima, 21 anos, para concretizar seu sonho de produzir amoras no território do **CENTRO-SUL DO PARANÁ**, onde o CEDEJOR conquistou, em 2007, uma nova sede no município de Guamiranga. “Quando entrei no PEJR, soube que cada jovem teria que elaborar um projeto. Na hora, pensei em mil temas. Analisando alguns, pude perceber através de uma visita técnica que plantar amoras seria uma alternativa para a minha propriedade. Passei pela banca de aprovação de projetos e convenci minha família afirmando que este projeto ia dar certo”, lembra Joziane.

Vivenciando o programa, a jovem tomou consciência de seu direito de acessar recursos públicos para investir na unidade familiar de produção e foi à luta: “Juntei os documentos que necessitava e iniciei a caminhada. Comprei mil mudas de amoreira, um freezer, um rolo de arame, uma sulfatadeira (para preparo de caldas naturais), uma tesoura de poda e outras coisas mais que precisava. Apesar das complicações que tive no decorrer da safra, consegui comercializar duas toneladas de amoras, que foram entregues a uma agroindústria para beneficiamento”, revela a jovem. Para 2008, a expectativa de comercialização é ainda maior. Joziane está inscrita no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) do Governo Federal.



TERRITORIALIDADE E PROTAGONISMO JUVENIL

Já Emerson dos Santos, 19 anos, afirma que a passagem pelo CEDEJOR Centro-Sul do Paraná serviu para mudar sua concepção de ruralidade. Vivendo numa área predominantemente rural, o distrito de Guamirim, em **IRATI**, o jovem não tinha laços diretos com a agricultura familiar, já que seu pai é um trabalhador assalariado. No decorrer do curso, desenvolveu sua identidade de “jovem do campo”, num sentido mais amplo do que estava acostumado a perceber. Adquirindo conhecimentos sobre artesanato em fibra de taboa, por exemplo, começou a promover a comercialização de tapetes, bolsas, revisteiro e sacolas, colocando em prática as noções de empreendedorismo apreendidas. Além de contribuir com a renda da família, Emerson dedicou-se a trabalhos comunitários. Participou, por exemplo, do “Florir Guamirim”, projeto organizado por sua turma para deixar a comunidade mais bonita. A iniciativa deu bons frutos e incentivou outras ações, que vão desde a limpeza dos rios da região ao projeto de construção de uma praça.

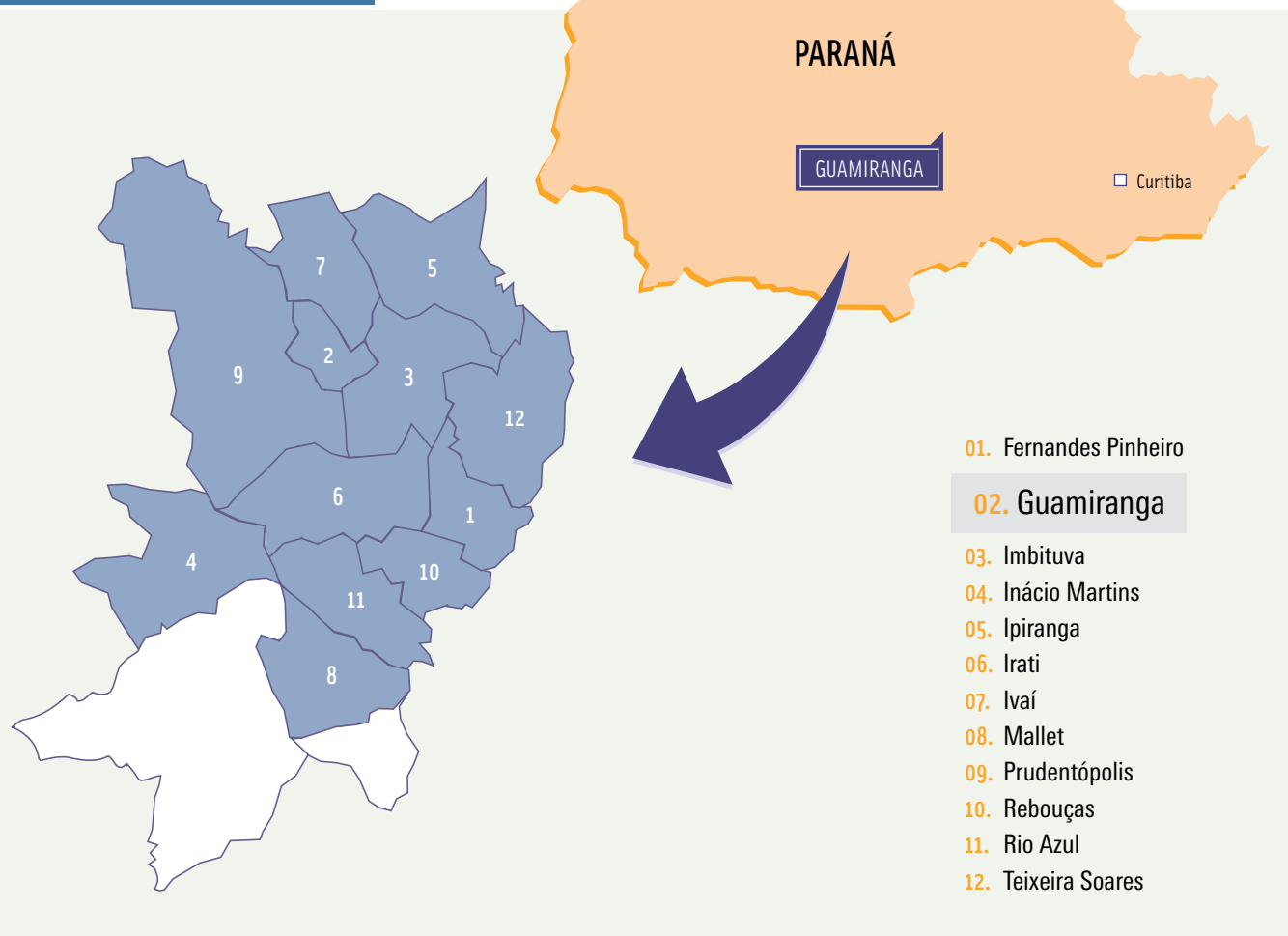
O protagonismo enquanto prática já estava em curso em todas essas frentes, expressando os conteúdos do eixo humano presente no Projeto Político-pedagógico do PEJR. Já o eixo gerencial começou a ser visualizado após a sua formação, levando Emerson a criar o primeiro restaurante de Guamirim. No dia 17 de janeiro, com 65 pessoas presentes, o “Jataí” foi inaugurado. Sob o nome de uma abelha nativa, sem ferrão, que possui mel com propriedades medicinais, o restaurante oferece comida caseira de qualidade, com produtos advindos da própria região. Além de considerar a experiência no CEDEJOR como fundamental em seu processo de desenvolvimento pessoal (especialmente por “abrir horizontes”), o novo empreendedor afirma que a organização não-governamental está sendo uma grande aliada no processo de consolidação do restaurante. “Em uma atividade realizada no núcleo, o Jataí forneceu toda a alimentação. A receptividade, na verdade, está sendo muito boa. O restaurante agora é um local de encontro disponível para a comunidade, já que antes não tinha um espaço para o pessoal se reunir”, recorda Emerson.



Até a inauguração da sede em Guamiranga, ficava em Irati o núcleo do CEDEJOR Centro-Sul do Paraná. Além destes, fazem parte do território de abrangência da ONG os seguintes municípios: Fernandes Pinheiro, Imbituva, Inácio Martins, Ipiranga, Ivaí, Mallet, Prudentópolis, Rebouças, Rio Azul e Teixeira Soares.



CEDEJOR CENTRO-SUL DO PARANÁ



Essa perspectiva territorial está expressa na UPM, na qual o espaço apropriado por um ator social não se reduz a sua dimensão material, sendo também uma rede de relações sociais. O programa trabalha com a noção de “território construído”, não de “território dado”, incorporando mas não se resumindo aos tradicionais limites político-administrativos. O que corrobora para uma nova concepção de ruralidade, para além das acepções demográficas ou produtivas. Com isso, cria melhores condições para a efervescência do protagonismo juvenil.

Para os cinco jovens que se formaram no CEDEJOR Centro-Sul do Paraná em julho de 2007, os exemplos dos egressos servem de referência e estímulo. Se depender de Edelson José Peres, 20 anos, Eliseu Fiori, 22, Everton Antonio dos Anjos, 21, Marco Aurélio dos Santos, 19, e Marildo Pereira da Silva, 19, logo todos estarão reunidos na Associação de Jovens Egressos do Centro-Sul do Paraná. Para Sérgio Biron Burgardt, educador do núcleo, a iniciativa, caso se concretize, será muito bem-vinda: “O egresso, ao se transformar num elo entre a comunidade e o centro de formação, ajuda o CEDEJOR na articulação com outras instituições e atores do território”.

Mario Pereira da Silva, pai de Marildo, sintetiza o sentimento compartilhado pelos que recebem influência da **PERSPECTIVA TERRITORIAL** do PEJR: “Muita gente não acredita no jovem rural. Eu mesmo, no início, duvidei do programa. Mas hoje, observando o desenvolvimento do meu filho, vejo que daquele tempo para cá ele deixou de ser uma pessoa fechada para estar mais entrosado com a família e com o mundo”.

EMPREENDEDEDORISMO COLETIVO

Colaborar para que os jovens entrossem seus sonhos e planos com as famílias e o seu entorno é uma das preocupações pertinentes ao tipo de empreendedorismo que o PEJR pretende fomentar. Definido como a capacidade de transformar visões em realidade em qualquer domínio da atividade humana, habitualmente o termo é resumido às histórias de pessoas bem-sucedidas no campo empresarial. No entanto, essa disposição para a inovação, para criar ou reinventar organizações (com criatividade, capacidade de tomar decisões e disposição para correr riscos calculados) é também muito comum em outros setores, tal como o governamental e o não-governamental. Os projetos desenvolvidos e implantados pelos jovens do PEJR, por exemplo, podem ser encaixados no que alguns especialistas chamam de empreendedorismo coletivo ou social. “Não se trata de uma dedicação individual, mas de uma aposta coletiva, do conjunto de instituições e familiares que tiveram de trabalhar dobrado para que os filhos estivessem em todas as semanas presenciais, dando esperança para a continuidade das unidades familiares de produção”, explica **SÉRGIO FRITZEN**, gerente-executivo do CEDEJOR.

Entre os 22 jovens que concluíram, em novembro de 2007, a segunda turma do núcleo que fica nas **ENCOSTAS DA SERRA GERAL**, em Santa Catarina, encontra-se um bom exemplo desse tipo de empreendedorismo solidário. Além de seus projetos individuais, um grupo de jovens decidiu apostar em uma empresa coletiva para a produção artesanal de papel com uma matéria-prima farta em sua região

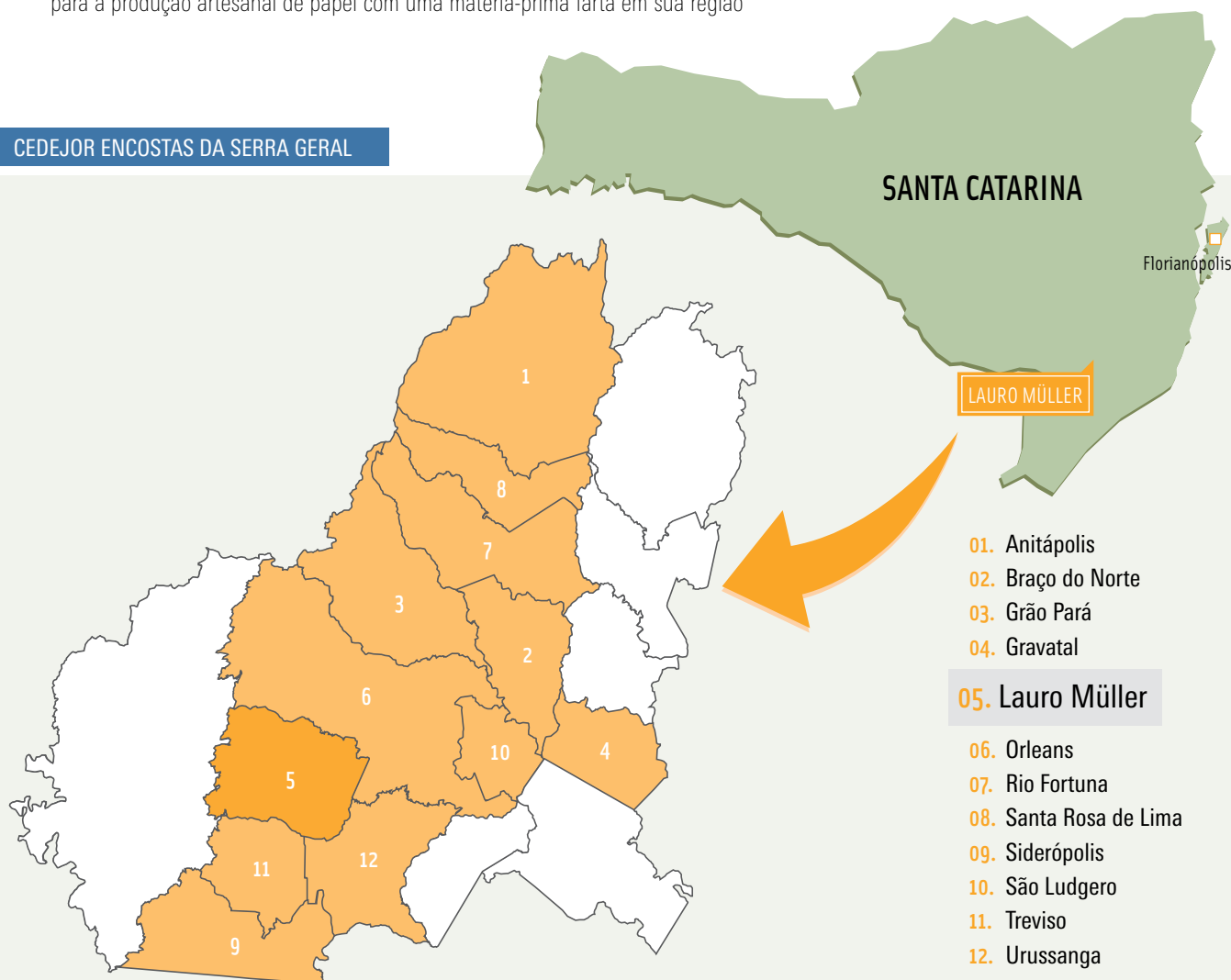


Sérgio Fritzen assumiu a Gerência-executiva em outubro. Sua primeira grande tarefa foi finalizar o processo de implantação do Planejamento Estratégico do CEDEJOR. Agora ele acredita ter melhores condições de enfrentar o seu maior desafio como dirigente, que é relacionar as noções de justiça social e desenvolvimento: “A relação entre esses dois conceitos fica inócua ou sem sentido se não for mediada por sujeitos. E um desses sujeitos imprescindíveis (essa é a nossa mensagem) é a juventude rural. Se tivermos êxito nessa tarefa, estaremos garantindo a relação e a vivificação da justiça social nos processos de desenvolvimento dos territórios rurais”.



Fazem parte do CEDEJOR Encostas da Serra Geral os seguintes municípios: Anitápolis, Braço do Norte, Grão Pará, Gravatal, Lauro Müller (onde fica o núcleo), Orleans, Rio Fortuna, Santa Rosa de Lima, São Ludgero, Siderópolis, Treviso e Urussanga.

CEDEJOR ENCOSTAS DA SERRA GERAL





de moradia, vivência e trabalho. No diagnóstico que fizeram sobre os problemas e as potencialidades de Santa Rosa de Lima, Cleimar Schmidt, 21 anos, Michele Dutra Nack, 19, Rosani Eller, 20, e Zenaide Schlickmann, 20, identificaram que as três agroindústrias do município geram, mensalmente, 2,5 toneladas de bagaço de cana, destinadas originalmente para compostagem e cobertura de solo. Com uma tecnologia similar a da reciclagem, as quatro pretendem produzir, com esse material, convites, cartões de visita, cadernos e, entre outros produtos, álbuns de fotografia. “Com cerca de 50 quilos de massa de bagaço de cana, é possível confeccionar aproximadamente mil folhas”, explica a animada Zenaide, contando que o primeiro êxito do projeto foi a conquista de um espaço com o Poder Público Municipal, oferecido pelo prefeito Celso Heidemann, um dos mais entusiasmados com o Projeto Juventude Rural em Movimento (PJRM).

O PJRM é composto por seis jovens egressos do CEDEJOR que juntos são responsáveis por identificar, estimular e difundir ações que ampliem as oportunidades de melhoria da qualidade de vida, de trabalho e de renda na zona de influência do programa. Um dos primeiros resultados concretos do projeto foi a realização, em fevereiro, do I Acampamento da Juventude Rural das Encostas da Serra Geral, que reuniu no Centro Comunitário de Barra do Rio Chapéu, em Rio Fortuna, cerca de 80 moças e rapazes. De acordo com um dos idealizadores, a iniciativa partiu dos próprios jovens como tentativa de integrar todas as turmas já formadas no núcleo catarinense do CEDEJOR. “Foi uma idéia nossa, que partiu de um simples conjunto de perguntas: Quem vai participar? Como organizar um acampamento desse porte? Com quem poderemos contar? Respondemos com ações, mobilizando os jovens e a equipe de educadores do Centro, além de representantes da sociedade civil e autoridades públicas. Mostramos, com isso, o nosso potencial transformador para construir, quem sabe, as bases de uma democracia mais participativa”, afirma **LUIZ HENRIQUE LEANDRO**, 22 anos, egresso da primeira turma que hoje preside o Conselho Comunitário do CEDEJOR Encostas da Serra Geral.

O exercício de empreendedorismo deu resultados impressionantes. Com a capa-

Luiz Henrique Leandro assumiu no início de 2007 a presidência do Conselho Comunitário do núcleo. Por ter vivido, entre 2002 e 2005, a fase de consolidação dessa experiência, ele acredita que pode ajudar na disseminação dos princípios e ideais do PEJR: “Conheço a história da instituição e tenho como ajudar na resolução dos problemas. O trabalho com os jovens me reanima. Só posso dizer que valeu e vale a pena a minha dedicação ao CEDEJOR, que continua me proporcionando uma formação para toda a vida”.

cidade de criar alianças, foi possível arranjar patrocínio para alimentação, alojamento e transporte – fatores estruturais que deram suporte para as ações de fortalecimento do capital social no respectivo território, permitindo a interação entre diversos agentes de desenvolvimento. Cada jovem do CEDEJOR podia levar um convidado, o que favoreceu a presença de parentes e amigos na participação de atividades lúdicas, esportivas e oficinas temáticas. Segundo Heloísa Effting, 20 anos, da segunda turma das Encostas, a junção entre diversão e conhecimento presente durante os três dias de acampamento simbolizou o que ocorre no dia-a-dia do PEJR: “Foi esse cotidiano rico que me fez vencer a timidez, me deu acesso a mais conhecimentos e me ajudou a colaborar no planejamento da propriedade da família. Através da participação nas **PEÇAS DE TEATRO**, por exemplo, desenvolvi muito minha auto-estima, o que contribuiu para o meu crescimento individual e coletivo”.

A experiência no programa também significou a construção de uma nova visão sobre si e o campo para Diana Feldhaus, 18 anos, de Santa Rosa de Lima: “Tão inesperada quanto minha entrada no CEDEJOR, é hoje a percepção que tenho sobre as possibilidades de vida no meio rural. O que via antes como adversidade, hoje vejo como oportunidade para o meu desenvolvimento”.



Os jovens do CEDEJOR Encostas da Serra Geral fizeram, em 2007, várias apresentações teatrais pelo respectivo território. Em 20/07, por exemplo, estiveram em Grão-Pará para apresentar a cidade, no dia do seu aniversário, com a peça “O Fantástico Mistério de Feiurinha”. Os habitantes de Santa Rosa de Lima, Braço do Norte e Rio Fortuna também foram agraciados com mais essa opção de lazer e cultura proporcionada pelos rapazes e moças que participam do PEJR. Já “Sonhos de uma noite de verão”, de William Shakespeare – uma das atrações da II Jornada Nacional do Jovem Rural, realizada em Brasília (DF) e Luziânia (GO), em setembro de 2007 – também teve ótima recepção nos municípios da região.



ARTICULAÇÕES INSTITUCIONAIS

Na mesma direção, Júlio César Demétrio, 20 anos, residente na área urbana de uma cidade em que 80% das atividades econômicas se desenvolvem na área rural, destaca que sua chance de ser protagonista de uma ação de desenvolvimento territorial, como foi o I Acampamento, pode acontecer de várias formas: “Pode ocorrer pela articulação com autoridades públicas para a promoção da cultura local, do artesanato, do agroturismo ou mesmo em atividades intermediárias de apoio à agricultura familiar”, afirma o morador de Anitápolis.

Para Ana Liria Wilemman, representante da Secretaria de Educação de Rio Fortuna no encontro, ações conjuntas entre organizações não-governamentais e poder público são importantes instrumentos para se evitar a evasão dos jovens do espaço rural e, por consequência, para estimular a melhoria da qualidade da vida nos municípios do interior. Ela citou como exemplo, além do próprio acampamento, o projeto de saneamento básico que vem desenvolvendo com os jovens do CEDEJOR, dentro do PJRM. “Iniciativas como essa fortalecem a crença na possibilidade de um desenvolvimento sustentável do campo”, destacou.

O PJRM é viabilizado através de um convênio entre o CEDEJOR, o Instituto Souza Cruz e o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Santa Catarina (SEBRAE/SC). De acordo com Altair Fiamoncini, agente articulador do SEBRAE/SC, o balanço do primeiro ano foi positivo: “O nosso foco de combate à evasão dos jovens tem se intensificado com diferentes iniciativas como a criação dos grupos de animação e a implantação dos projetos como o de artesanato com papel, desenvolvido por um grupo de jovens de Santa Rosa de Lima. Fazendo uma rápida retrospectiva, nós percebemos, hoje, que os jovens passaram a ter um comportamento mais pró-ativo, além de estarem mais integrados ao território como um todo”.

Os dois primeiros Seminários de Geração Trabalho e Renda, em Anitápolis e Orleans, foram obras exclusivas dos parceiros iniciais do PJRM: CEDEJOR, Instituto Souza Cruz e SEBRAE/SC. Já os últimos, em Rio Fortuna e Santa Rosa de Lima, além da participação da AGRECO, contou com o incentivo do MDA. Eis, em resumo, a listagem dos projetos apresentados: produção de leite à base de pasto; horticultura orgânica; piscicultura; produção de abelhas rainhas; agroturismo e agroindústria de pequeno porte; melíponicultura; cultivo de plantas bioativas; e produção artesanal de papel com bagaço de cana.

De acordo com uma das protagonistas, o PJRM, além de propiciar a educação continuada dos egressos, vem permitindo o exercício efetivo de agentes de desenvolvimento rural pelos jovens participantes. “Neste primeiro ano, conseguimos provocar inúmeras reflexões no território das Encostas, mobilizando jovens e lideranças para a discussão dos temas de interesse da juventude do campo. A construção do Plano Municipal Participativo de Juventude de Rio Fortuna, o Fórum Municipal da Juventude de Santa Rosa de Lima, o fortalecimento do Programa Municipal de Juventude de Grão Pará e o trabalho com jovens de Anitápolis para estudos sobre meio ambiente são alguns dos exemplos”, elenca Suzana Rinaldi, 20 anos.

Suzana faz questão de ressaltar que o apoio dos educadores e das **INSTITUIÇÕES PARCEIRAS** tem possibilitado uma maior confiança interna para a realização das atividades, assim como em mais legitimidade externa. Além das atividades promovidas com as prefeituras, os integrantes do CEDEJOR têm dialogado com inúmeras organizações locais, especialmente com a Associação dos Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral (AGRECO), através da qual alguns jovens passaram a comercializar parte da produção familiar com a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). Foi com a ajuda da AGRECO, por exemplo, que os concluintes do PEJR em 2007 puderam apresentar seus projetos de empreendedorismo em dois dos quatro **SEMINÁRIOS DE GERAÇÃO DE TRABALHO E RENDA**, realizados através do PJRM em novembro.

Outra iniciativa em parceira com a AGRECO — à qual se integraram a Agência de Desenvolvimento Social das Encostas da Serra Geral e a Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia — possibilitou que uma jovem do CEDEJOR participasse, em junho, do Eco Solidariedade entre Montanhas, projeto de intercâmbio que visa aproximar agricultores do território com as experiências desenvolvidas em Catilha, Léon, Cantabria e Navarra, na Espanha. “Logo que recebi o convite fiquei com

um pouco de medo. Mas encarei a oportunidade como um desafio e uma chance de ampliar meus conhecimentos. Conheci uma realidade bem diferente da nossa. Lá, a qualidade de vida é muito boa, mas a evasão dos jovens rurais também os preocupa”, comenta Heloísa Effting, que foi selecionada para a viagem por já ter experiência em agricultura familiar, além de participar ativamente junto ao pai na administração da propriedade. Atualmente, sua família cultiva fumo e cria gado de leite, mas busca na diversificação melhores condições de dar sustentabilidade à sua unidade familiar de produção.

Para Wilson Schmidt, consultor do Instituto Souza Cruz, parcerias como essa sinalizam para um forte potencial de “aprendizagem cruzada” entre as organizações que participam, apóiam ou recebem influência do PEJR. “No caso do PJRM, por exemplo, o SEBRAE/SC tem uma importante bagagem em fomento ao empreendedorismo e já atua na região do projeto, mas não tem uma ênfase na juventude nem no espaço rural. O Instituto e o CEDEJOR, por sua vez, estão centrados neste público e espaço. Assim, estamos agregando com qualidade as duas experiências”, explica o professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Essa aprendizagem cruzada, fruto das articulações institucionais, não é exclusividade do núcleo catarinense. No Paraná, como já visto, a participação do CEDEJOR no Conselho Gestor do Território do Centro-Sul do Paraná demonstra a pertinência das articulações institucionais estabelecidas na região. No Rio Grande do Sul não foi diferente. Lá, por exemplo, o CEDEJOR participou da constituição do **COMITÊ PERMANENTE DE DISCUSSÃO SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E PROTAGONISMO JUVENIL**, que nasceu a partir dos fóruns em prol do desenvolvimento sustentável do Vale do Rio Pardo. “Tudo teve início quando começamos a articular o processo de formação dos jovens pelo PEJR. Travamos, a partir daí, inúmeros contatos interinstitucionais, fazendo com que o CEDEJOR tomasse, definitivamente, a forma de uma agência de desenvolvimento. Foi a oportunidade de questionarmos a invisibilidade dos jovens na formulação de políticas públicas, no mesmo momento em que eles próprios apresentavam seus projetos de empreendedorismo para agregar valor às unidades familiares de produção e melhorar a qualidade de vida das comunidades”, explica Leomar Mattia, coordenador do núcleo do Vale do Rio Pardo.

E ocupando espaços com a mensagem de que não se faz desenvolvimento sustentável sem investimento na formação do jovem rural é que o CEDEJOR vem ganhando mais aliados na região. O último deles é a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Em dezembro, as duas entidades assinaram um Protocolo de Intenções que prevê a cooperação técnica, científica, educacional e cultural da universidade em projetos de educação continuada para os jovens agricultores já formados no PEJR, atendendo ainda outras instituições do território. “Estamos desenhando, ainda em fase embrionária, a implantação da Escola de Agricultura Familiar. Para a universidade, esse protocolo está em sintonia com o seu compromisso de desenvolvimento regional, a partir de projetos de extensão e na perspectiva da formação continuada. E o binômio trabalhado pelo CEDEJOR (empreendedorismo e desenvolvimento) possibilitou a sinergia com a universidade”, esclarece Júlio Bernardes, pró-reitor de Extensão da UERGS.

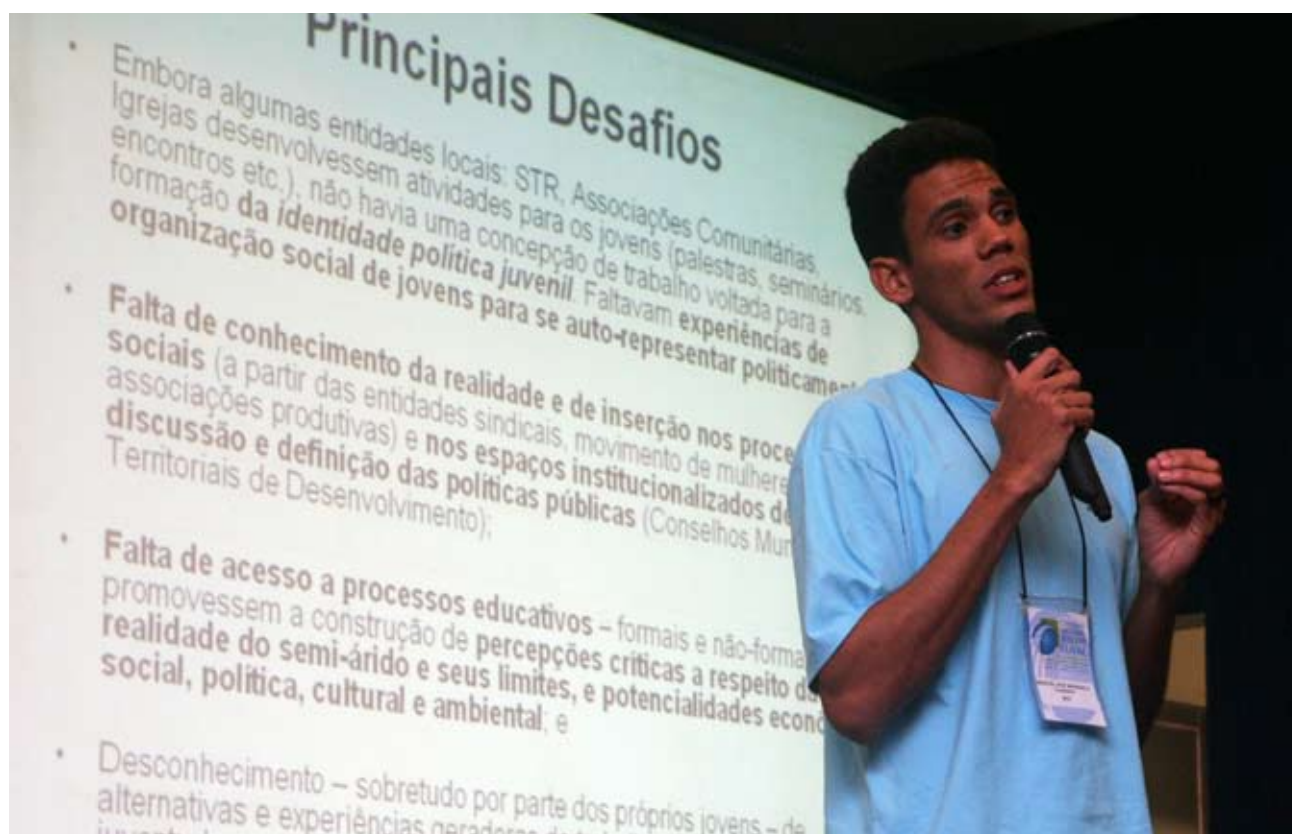


Além do CEDEJOR, integram esse comitê a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), duas regionais (Estrela e Santa Maria) da EMATER/RS, o Conselho de Secretários de Agricultura do Vale do Rio Pardo (CONSEMA), a Faculdade Dom Alberto, o 6º Conselho Regional de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, a Associação de Fumicultores do Brasil (AFUBRA), duas regionais (Vale do Rio Pardo e Baixo Jacuí) da Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais na Agricultura do Rio Grande do Sul (FETAG/RS) e a Associação dos Municípios do Vale do Rio Pardo (AMVARP). Nos encontros desse fórum é que foi estruturado o I Seminário de Juventudes para o Desenvolvimento Territorial, que aconteceu no dia 23/10, reunindo cerca de 300 participantes no ginásio do Clube Cultural e Esportivo de Vera Cruz, contando com a participação de jovens de 11 municípios do território.

O IICA é um organismo especializado em agricultura criado por resolução do Conselho Diretor da União Pan-Americana em outubro de 1942. Seu objetivo é estimular, promover e apoiar os esforços dos estados-membros para alcançar seu desenvolvimento agrícola e bem-estar rural. O Brasil tornou-se estado-membro em 1964. Desde então, o IICA mantém uma agência de cooperação técnica no país com uma equipe de especialistas internacionais e nacionais. Essa agência orienta, coordena e apóia os projetos com as instituições parceiras, além de conduzir – pelo seu representante, Carlos Américo Bastos – as relações bilaterais com o governo brasileiro. Pelo termo de cooperação assinado com o Instituto Souza Cruz, o IICA se compromete a prover o apoio institucional e a estrutura funcional necessários à gestão das ações técnico-operacionais do CEDEJOR.

A expectativa do Instituto Souza Cruz é que esse Protocolo de Intenções com a universidade gaúcha siga os mesmos passos do Termo de Cooperação que a entidade assinou, em 2006, com uma organização de reconhecida reputação nacional e internacional: o **INSTITUTO INTERAMERICANO DE COOPERAÇÃO PARA A AGRICULTURA (IICA)**. Em 2007, o principal produto dessa união foi a realização dos Seminários de Desenvolvimento Territorial nas áreas de influência do CEDEJOR. No mês de outubro, os núcleos do Vale do Rio Pardo (RS), Encostas da Serra Geral (SC) e Centro-Sul do Paraná foram palco de três grandes eventos que mobilizaram mais de 600 pessoas – entre jovens, representantes de instituições da sociedade civil e integrantes de instâncias governamentais. Em pauta, temas como: o acesso à cultura no meio rural; as ações de estímulo ao empreendedorismo; uma educação de qualidade no campo; políticas públicas de combate à migração e de sustentabilidade socioambiental do meio rural.

Presente em todos os encontros para falar sobre as experiências de coletivos juvenis desenvolvidas na região sisaleira do semi-árido baiano, Emanuel Sobrinho, da Coordenação do Programa de Políticas Públicas do Movimento de Organização Comunitária (MOC), faz o seguinte balanço: “Os seminários tiveram uma validade importante para sensibilizar a juventude a se organizar e se posicionar no sentido de discutir as questões que envolvem o tema ‘desenvolvimento territorial’. A meu ver, os encontros tiveram também a importância de fazer com que esses jovens se sintam parte dos seus territórios”.



┘ DIFUSÃO DO PEJR

Os fatos relatados não indicam apenas a consolidação da imagem do CEDEJOR nas regiões em que atua como “porta-voz” da mensagem sobre a importância de se reter os talentos juvenis no campo para o desenvolvimento sustentável dos territórios rurais. Indicam, sobretudo, o amadurecimento organizacional do Instituto Souza Cruz pela crescente legitimidade do PEJR, que vem obtendo não só mais aceitação e **RECONHECIMENTO**, como também convites para a sua expansão.

“O programa nasceu há sete anos. Nessa caminhada, o principal parceiro foi o CEDEJOR, uma agência de desenvolvimento, de organização comunitária, com a qual cooperamos financeira, técnica, institucional e politicamente. Neste período de criação e fomento, tivemos a oportunidade de testar os princípios inspiradores desta metodologia e aprimorar sua forma de funcionamento. Após as experiências em territórios rurais no Sul do país, conseguimos sistematizar o conceito e os objetivos numa Unidade Político-Metodológica (UPM) do PEJR. Trata-se da tentativa de construção de diretrizes curriculares básicas, decompostas em conteúdos específicos a serem aplicados por meio da **PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA** por qualquer agente social que tenha o desejo de oferecer aos jovens rurais uma experiência alternativa e complementar de formação. Há sim, portanto, o interesse de que o PEJR possa ser reaplicado e difundido”, afirma Luiz André Soares, consultor de Gestão de Projetos Sociais do Instituto Souza Cruz.

No entanto, apesar de estudar uma a uma todas as propostas, a organização costuma deixar clara a seguinte mensagem para os seus interlocutores: “O sucesso de uma parceria, qualquer que seja a sua natureza, envolva aporte financeiro, cooperação técnica ou apoio material para a viabilização das atividades, depende de um planejamento prévio e de uma avaliação constante de sua realização, sob a necessidade crucial de se monitorar o desenvolvimento do que foi pactuado”, explica a diretora-executiva Leticia Lemos Sampaio. É o que vem sendo feito, por exemplo, no convênio firmado com a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI), ainda no final de 2006. O acordo possibilitou a criação de um projeto-piloto para a instalação do PEJR no Centro de Treinamento da regional de Campos Novos (CENTRECAMPPOS), mas que abrange outros oito municípios do **MEIO-OESTE CATARINENSE** (incluindo alguns da regional de Joaçaba).



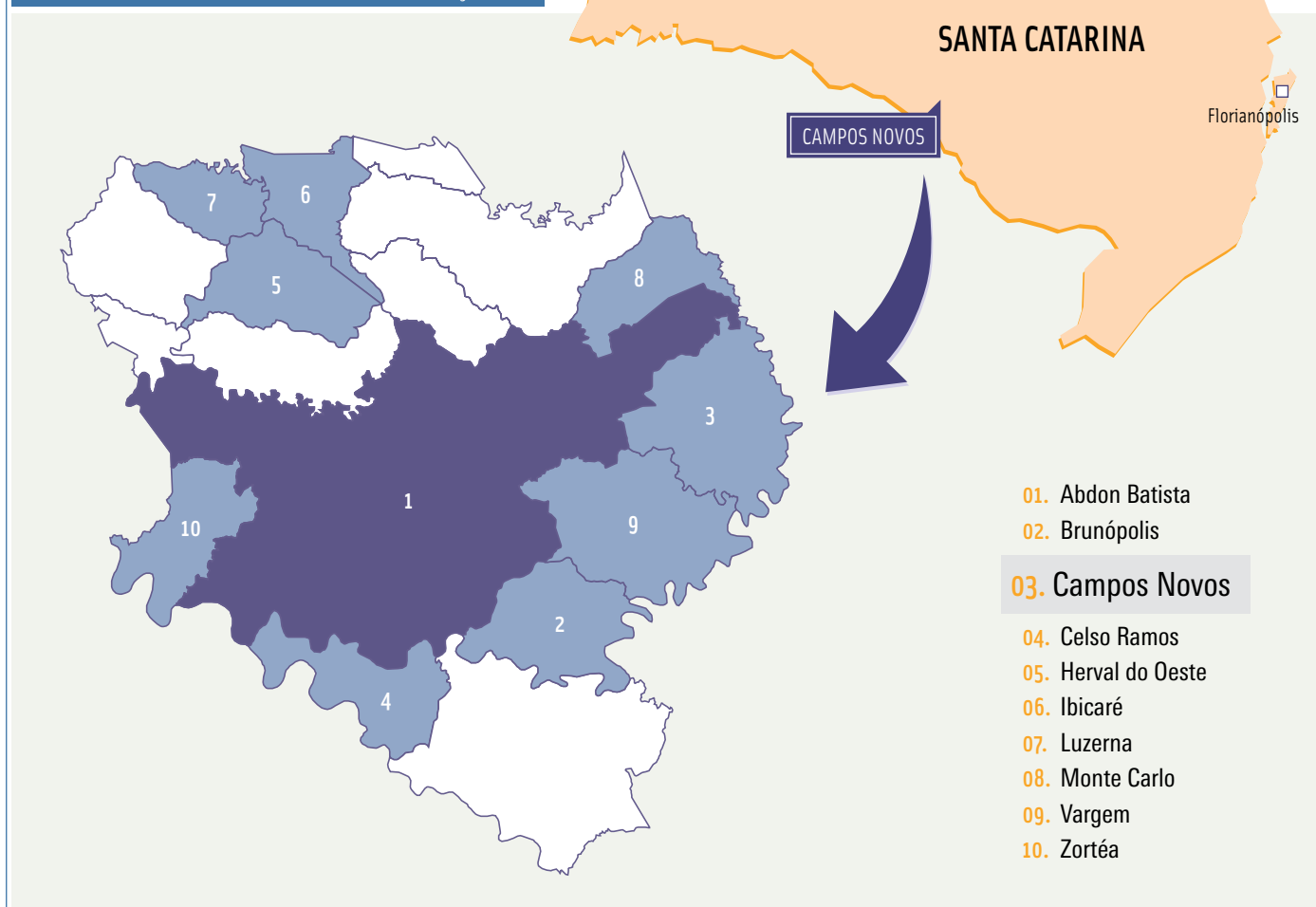
Desde sua fundação, o Instituto Souza Cruz vem recebendo inúmeras manifestações de reconhecimento. Em 2007, a entidade foi agraciada com o Prêmio Personalidade do Meio Ambiente e Responsabilidade Social, da Associação Brasileira de Treinamento e Desenvolvimento do Paraná (ABTD/PR).



Em entrevista ao Instituto Souza Cruz (Boletim 27, Março de 2007), Jean Batista Begnami, secretário-executivo da Associação Mineira das Escolas Famílias Agrícolas (AMEFA), definiu da seguinte forma a Pedagogia da Alternância: “A proposta da alternância é promover uma aprendizagem contínua na descontinuidade das atividades e dos tempos e espaços diferentes. Ou seja, a alternância em educação propõe uma pedagogização destes tempos utilizando-se de ferramentas específicas que facilitam a articulação dos saberes experienciais e teóricos. [...] A alternância é uma pedagogia que busca integrar estudo e trabalho, escola e vida, teoria e prática”.



Fazem parte do território de influência do núcleo, além de Campos Novos, os seguintes municípios: Abdon Batista, Brunópolis, Celso Ramos, Herval do Oeste, Ibicaré, Luzerna, Monte Carlo, Vargem e Zortéa. Dessas localidades saíram os 35 jovens que passaram pelo Centro de Treinamento da EPAGRI, o que representa 17% do total de alternantes (208) que passaram pelo PEJR em 2007.



Como afirma Denise Nunes, consultora pedagógica do Instituto Souza Cruz, não se trata de uma reprodução mecânica do PEJR, de uma simples replicação. Mas uma nova forma de implementação sob a participação ativa dos jovens dessa região, com o desafio de se construir uma nova identidade para o programa. “Apesar desse desafio, a parceria já tem diversas razões para ser celebrada. O índice de evasão é baixíssimo, a maioria dos jovens tem apoio da família e todos os que estão em formação já sabem quais projetos vão colocar em prática em suas unidades familiares de produção”, comemora Denise.

Para um dos protagonistas dessa experiência, a parceria entre a EPAGRI e o Instituto Souza Cruz está sendo oportuna para que os jovens da região descubram suas reais vocações, assim como o gosto pela terra. “Eu mesmo aprendi a amar a minha propriedade e a ver nela as oportunidades que procurava encontrar no meio urbano”, conta Rodrigo Paloschi, 23 anos, descrevendo as dificuldades enfrentadas para ingressar no PEJR: “O que mais me atraiu ao programa foi a possibilidade de voltar a estudar. Tive sorte, já que deixei a primeira fase da inscrição passar. Mas o destino voltou a ser generoso e ingressei num segundo momento do processo seletivo. Desde então agarrei a oportunidade e posso afirmar que foi a melhor decisão que tomei em minha vida”.

SEQÜÊNCIA DE APRENDIZADO DE UM ALTERNANTE*



* Adaptado de GIMONET, J. C. *Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAs*. Vozes, 2007.

Na opinião de Juçara Bordin, da Coordenação Estadual de Juventude da EPAGRI, o PEJR, oferecendo uma concreta oportunidade de formação qualitativa para o alternante, “está contribuindo para o fortalecimento e a sustentabilidade da agricultura familiar de todo o território”.

O que pôde ser confirmado durante o 1º Fórum da Juventude do Território de Abrangência do programa naquela região, em 7 de dezembro, quando quase 40 jovens convidados dos municípios circunvizinhos ao CENTRECAMPOS assistiram a uma breve apresentação de como funciona o PEJR, assim como dos resultados já obtidos no primeiro ano de funcionamento. “Nossa visão sobre o campo mudou. Aprendemos a vê-lo com outros olhos, respeitando as diferenças que aqui existem, mas buscando um comprometimento com o seu desenvolvimento. Aprendemos que precisamos planejar nossas ações e avaliar os seus impactos para a criação de um mundo menos desigual”, afirmou Frank Bortoli, 23 anos, antes de apresentar um vídeo sobre outro evento realizado com os pais dos jovens em formação.

No vídeo e nas falas de alguns dos atuais participantes do programa, ficou clara a mensagem de que a aliança dos jovens com as famílias e outros agentes sociais é ponto fundamental para a concretização de seus objetivos; mensagem reforçada pela palestra “Juventudes rurais, território e desenvolvimento rural”, proferida por Gilmar Espanhol, técnico da EPAGRI. “A perspectiva territorial permeia as atuais políticas públicas do país, destacando a importância da identidade econômica, social e cultural de determinadas regiões para os seus respectivos desenvolvimentos. E um elemento importante a ser destacado é o papel da juventude nesse processo. Algumas pesquisas mostram que, nos territórios rurais, 47% dos jovens estão sem atividades e outros 49% apenas apóiam seus pais em atividades agropecuárias. Temos que reverter esse quadro, para que haja interesse de permanência no campo”, explicou Gilmar, defendendo que os jovens devem passar de coadjuvantes a protagonistas: “Sem conhecimento, sem lazer e sem relações de amizade e namoro, ninguém vai querer ficar. Não basta, neste sentido, apenas a preocupação com o desenvolvimento econômico. É preciso, sobretudo, que as atividades realizadas por integrantes de programas como o PEJR abram oportunidades para outros jo-



vens”, destacou o palestrante, apontando como exemplo potencial a criação da Associação de Jovens Empreendedores Rurais (ADJER), experiência organizativa apresentada, em seguida, pelos seus atuais gestores: os jovens Ricardo Cordeiro, 21 anos, e Vilmar José de Lima, 20.

Após o almoço, os participantes do fórum voltaram a se reunir em grupos de trabalho para debater alguns temas de interesse dos jovens rurais: as práticas agroecológicas para a conservação ambiental; o lugar da mulher nas relações familiares campesinas; e, entre outros, o apoio do poder público às experiências associativas juvenis. Divididos em oito grupos, os jovens trocaram informações que foram, posteriormente, apresentadas e discutidas em plenária. A partir deste confronto de idéias, um grupo ficou responsável pela sistematização e pela elaboração da **CARTA DO 1º FÓRUM DA JUVENTUDE RURAL**, documento que traz, em síntese, algumas propostas para o desenvolvimento sustentável do território de abrangência do PEJR.

TRECHOS DA CARTA DO 1º FÓRUM DA JUVENTUDE RURAL
CETRECAMPPOS - Dezembro de 2007

[...] Sendo ouvidos e estimulados a participar dos processos de decisão que afetam nossa vida no presente e no futuro, acreditamos que poderemos construir um novo mundo rural, em que as muitas carências, que hoje identificamos como barreiras, sejam superadas – especialmente: a ausência de uma educação voltada para a realidade do campo; o papel secundário destinado à mulher no meio rural; a burocracia dos programas de crédito; e, entre outros, o baixo nível de associativismo e participação.

Por fim [...] queremos deixar a mensagem para que outros jovens rurais se mobilizem em torno dessa causa, seja ingressando no PEJR ou em programas similares. Ou mesmo como conhecedores e difusores dos seus princípios e valores, para que, quem sabe, o orgulho de ser jovem rural seja, em pouco tempo, uma realidade de que inspire uma vida no campo digna, produtiva social, econômica e culturalmente.

Não somos, simplesmente, o futuro da nação. Somos o presente de uma nova sociedade.

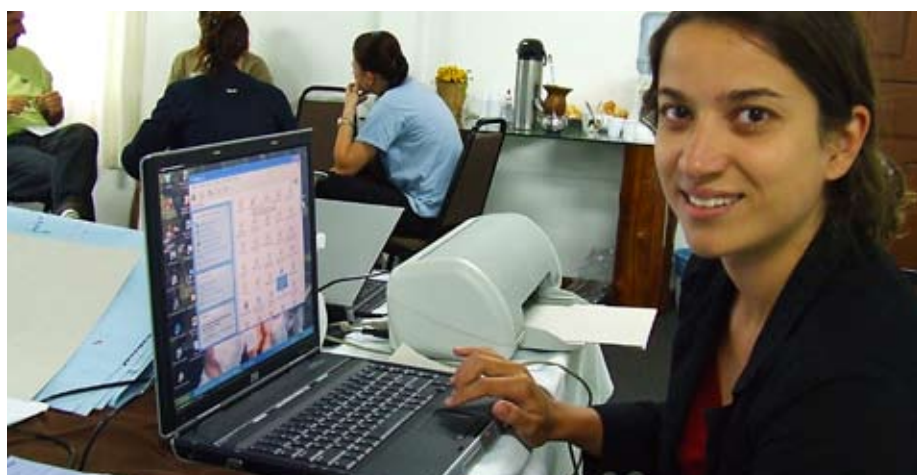


FORMAÇÃO DE EDUCADORES

Se os resultados da execução do PEJR pelo CEDEJOR deram os contornos ao projeto-piloto implantado pela EPAGRI, esta experiência, por sua vez, está balizando os diálogos para a possível expansão do programa para além dos atuais territórios rurais, que já abrangem um total de 51 municípios no Sul do Brasil. As conversas devem continuar em 2008, especialmente com representantes das três esferas governamentais do Poder Público — a quem, na visão do Instituto Souza Cruz, está reservada a prerrogativa de trabalhar em grande escala na oferta dos serviços sociais.

Porém, na perspectiva estratégica da organização, a gradual transformação do PEJR em uma efetiva Tecnologia Social, capaz de ser reaplicada com maior pertinência e eficácia, depende de dois componentes: a criação de um sistema externo de avaliação; e a implementação de um programa de formação de educadores. “Desde o início, até por sua origem, o Instituto Souza Cruz está imerso numa cultura avaliativa norteadora dos caminhos a serem seguidos. Assim, após todos esses anos, achamos que chegou o momento de contar com um olhar externo para uma melhor dimensão do processo a que estamos submetidos. Foi nesse sentido que travamos, em 2007, contato com professores dos departamentos de Economia Rural e Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa (UFV). A idéia é que, em 2008, façamos o acompanhamento de uma das turmas do PEJR, a partir de um determinado número de indicadores, para que, no futuro, possamos medir concretamente seus resultados no desenvolvimento dos jovens e o impacto das ações dos mesmos no território. O próximo passo será expandir o sistema para todo o programa”, explica Luiz André Soares.

Segundo o consultor, a criação desses indicadores também servirá de norte para a formulação de um programa de indução de educadores que desejem ingressar no PEJR ou experiências similares. “Um dos grandes desafios de programas como o nosso é de encontrar educadores preparados para o tipo de trabalho que almejamos desenvolver. Não que falte gente competente e comprometida, mas o tipo de formação que costumam receber é bem diferente da nossa necessidade. É por isso que, para os educadores que já estão conosco, temos os Seminários de Desenvolvimento das Equipes do PEJR, que em 2007 teve três edições”, completa Luiz André.



O XI Seminário de Desenvolvimento das Equipes do PEJR aconteceu em março, no município de Mallet (PR). Além da presença de João Batista de Queiroz, o encontro contou com a participação de Daiane Werle, coordenadora de Juventude da Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar da Região Sul do Brasil (FETRAF-Sul) no Paraná, que debateu com os educadores a importância da participação juvenil nas organizações sindicais dos trabalhadores agrícolas.



De acordo com a UPM do PEJR, as visitas técnicas têm o objetivo de ampliar a experiência pessoal e favorecer o reconhecimento das formas de aplicação do conhecimento construído em alternância. São fundamentais para orientar as discussões e atividades no núcleo e nas famílias, estando sempre relacionadas aos temas estudados, aos projetos dos jovens, às atividades produtivas das unidades de produção.

Presente no XI SEMINÁRIO, João Batista de Queiroz, professor da Universidade Católica de Brasília (UCB) e especialista em Pedagogia da Alternância, concorda com o diagnóstico: “Os agricultores e educadores franceses construíram as Casas Familiares Rurais (CFRs), que têm a Pedagogia da Alternância como um dos seus fundamentos. A realidade deles é bem diferente da nossa. Penso que temos a oportunidade, a partir da experiência original, de trabalhar de acordo com a realidade brasileira. Para isso, no entanto, é preciso estudá-la e conhecê-la profundamente para que possamos ‘re-construir’ a Pedagogia da Alternância no Brasil. Penso que estamos no início dessa longa estrada”, afirma Batista, salientando que o investimento na formação dos profissionais deve ser uma prioridade de todos os Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFAs).

Favorecer a troca de experiências e retomar a reflexão sobre a Pedagogia da Alternância foi, justamente, o objetivo central do XII Seminário, realizado em junho, em Santa Cruz do Sul (RS). Para debater o tema, o convidado dessa vez foi Vitor Mota, coordenador-geral da Escola Família Agrícola de Vinhático (ES), que fez a seguinte avaliação sobre o encontro: “Pelas preocupações levantadas e as reflexões realizadas na convivência com os educadores e gestores do programa, pude concluir que o trabalho desenvolvido por vocês tem um caráter de educação popular, sendo, portanto, motivador e gerador de inclusão social. Ao permitir a formação integral do jovem, o PEJR propicia o fortalecimento de valores humanos e o aproveitamento das potencialidades do campo, garantindo vivências de cidadania e qualidade de vida, tornando os jovens mais preparados para enfrentar situações que poderiam levá-los à exclusão”.

Já no XIII Seminário de Desenvolvimento das Equipes do PEJR, realizado em Santa Rosa de Lima (SC), em outubro, o instrumento da Pedagogia da Alternância aprimorado foi a VISITA TÉCNICA. Não por acaso é que os educadores ficaram hospedados nas propriedades de Valdecir Assing, 21 anos, e Ana Paula Baumann, 20, jovens do CEDEJOR que desenvolvem projetos de agroturismo. E fizeram parte das atividades, dirigidas por Helton Pedro Pfeifer, coordenador da CFR de Armazém (SC), na unidade familiar de produção de Fabiano Eller, 21, que está desenvolvendo um projeto de produção de leite à base de pasto. “O seminário foi uma ótima oportunidade para as equipes interagirem com jovens e atores das Encostas da Serra Geral, procurando conhecer na prática as ações desenvolvidas pelo nosso núcleo com o Conselho Comunitário e outros atores locais”, afirma Silvia Verona Zanol, coordenadora do CEDEJOR no território.

Em 2008, além dos seminários de desenvolvimento, está prevista para os educadores a participação num curso de formação sobre “Agrobiodiversidade e desenvolvimento rural”, que está sendo formatado pelo CEDEJOR junto a uma organização internacional que apóia ações educativas em vários países em desenvolvimento. Mas essa é uma ação que extrapola o PEJR, já que ela, caso se concretize, será realizada no âmbito da Rede de Fortalecimento Institucional da Juventude Rural — que, como se verá a seguir, integra instituições dedicadas à formação de jovens rurais por todo o Brasil.



ADVOCACIA DA CAUSA



EU MANDO O MEU RECADO / PRA TODO MUNDO ESCUTAR
FAÇAM AS CONTAS QUE FIZEREM / O RURAL VAI PERDURAR.

JOCIVALDO DOS ANJOS, *jovem agricultor baiano*

Afora o investimento que faz na formação de jovens empreendedores rurais, o Instituto Souza Cruz, dando conta de seu segundo objetivo estratégico, dedica-se à defesa política e solidária de causas sociais voltadas para o desenvolvimento desse setor da população. Faz isso através da participação em **FÓRUNS DE DECISÃO POLÍTICA, PESQUISA E MOBILIZAÇÃO SOCIAL** engendrados por agências do primeiro, segundo ou terceiro setores, que, de alguma forma, impactam sobre a realidade do jovem rural.

No ano passado, o Instituto Souza Cruz marcou presença, por exemplo, no 2º Congresso Brasil Sustentável, promovido pelo Centro Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS), de 24 a 26/04, em São Paulo (SP). “Nossa proposta de formação de jovens talentos chamou a atenção do público, que se mostrou muito preocupado com a questão da migração campo-cidade. Deixava claro, no entanto, que essa questão, ainda que relevante, não exaure a nossa visão estratégica, baseada numa concepção de ruralidade que ultrapassa a suposta contradição rural-urbano”, revela Rodolfo Lobato da Costa, assessor de Projetos Sociais.

No I Colóquio Internacional de Desenvolvimento Territorial Sustentável, realizado de 22 a 25/08, em Florianópolis (SC), o destaque foi a recém-lançada Marco Social: “O tema da revista, ‘Multifuncionalidade e Agricultura Familiar’, estava em total sintonia com o evento, que foi organizado por vários programas brasileiros de pós-graduação e instituições acadêmicas estrangeiras. Inclusive, alguns dos articulistas, Lauro Mattei e Ademir Cazella, professores da UFSC, estavam presentes, o que ajudou bastante na divulgação”, lembra Lobato.

ALGUNS EVENTOS EM QUE O INSTITUTO SOUZA CRUZ ESTEVE PRESENTE EM 2007:

- 3º Encontro Internacional de Desenvolvimento Sustentável, realizado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e Federação das Indústrias de Minas Gerais (FIEMG), de 25 a 27/04, Belo Horizonte (MG);
- Debate Ethos de Jornalismo, “Como fazer para que a sustentabilidade se torne pauta diária das redações”, do Instituto Ethos, em 18/04, São Paulo (SP);
- IV Feira Nacional de Agricultura Familiar e Reforma Agrária, promovida pelo MDA, em Brasília, de 4 a 7/10;
- 7ª Conferência Latino-Americana sobre Meio Ambiente e Responsabilidade Social (ECOLATINA), de 16 a 19/10, Belo Horizonte (MG);
- II Seminário Nacional da Pedagogia da Alternância, 18 e 19/10, em Belo Horizonte (MG);
- II Fórum Internacional de Desenvolvimento Territorial, promovido pelo IICA, MDA e Governo da Bahia, de 6 a 9/11, em Salvador (BA);
- VI Conferência da Rede Regional América Latina e Caribe da International Society for Third Sector Research (2007), de 8 a 11/11, em Salvador (BA);
- “De olho na educação”, lançamento do site do programa Todos pela Educação, em 29/11, São Paulo (SP).

Em dezembro, por fim, entre os dias 3 e 5, na cidade de Natal (RN), o Instituto Souza Cruz participou da Expo Brasil Desenvolvimento Local, uma realização da Rede de Informações para o Terceiro Setor (RITS). Em companhia de instituições parceiras, a organização apresentou as iniciativas da **REDE DE FORTALECIMENTO INSTITUCIONAL DA JUVENTUDE RURAL (RFI)**, tal como o Intercâmbio da Juventude Rural Brasileira e a Jornada Nacional do Jovem Rural, que em 2007 teve a sua segunda edição.



A RFI foi criada em 2005 com a finalidade de ser um espaço de troca de experiências e articulação entre instituições que trabalham na formação de jovens rurais, com capacidade de influenciar as políticas públicas de educação e desenvolvimento do campo. Atualmente, seis organizações compõem a rede. A seguir, a lista dos nomes que fizeram parte da Comissão Organizadora do principal evento da RFI no ano de 2007 – a II Jornada Nacional do Jovem Rural: Dulce Knobb, da Associação Regional das Casas Familiares Rurais do Sul do Brasil (ARCAFAR-SUL); Wilson Schmidt, do Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural (CEDEJOR); Luiz André Soares e Maria Iêda Lopes, do Instituto Souza Cruz; Padre Firmino Costa, do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES); Emanuel Sobrinho, do Movimento de Organização Comunitária (MOC); e Luiz Fernando Alves, do Serviço de Tecnologia Alternativa (SERTA).

II JORNADA NACIONAL DO JOVEM RURAL

Realizada, de 17 a 20 de setembro, a II Jornada Nacional do Jovem Rural, tendo como tema “Políticas públicas e desenvolvimento territorial”, reuniu cerca de 700 jovens, educadores e profissionais de diversas organizações do campo de 22 estados brasileiros. Foram quatro dias de intensas atividades nos quais a juventude rural teve a oportunidade de refletir sobre a sua pluralidade cultural, as desigualdades sociais do país e as suas potencialidades de intervenção para o desenvolvimento sustentável do campo.

Nos três primeiros, no Centro de Treinamento Educacional da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Indústria (CTE/CNTI), em Luziânia (GO), os jovens participaram de sessões temáticas (divididas em palestras, painéis e grupos de trabalho), além de oficinas e mini-cursos, protagonizando as discussões que serviram de base à “Carta da II Jornada Nacional do Jovem Rural”, entregue no dia 20, a representantes do poder público, em Brasília. O documento foi resultado do trabalho realizado pelo Grupo de Apoio e Sistematização (GAS) formando por jovens e educadores das organizações participantes – que também puderam apresentar seus projetos nos estandes espalhados pelo CTE/CNTI.



Em sintonia com o dirigente do SERTA, o ambientalista Jean Marc Von der Weid defendeu, no mesmo painel, que a tecnologia “agroecológica” não é “uma”, mas “a” alternativa para um modelo de produção agrícola condizente com a preservação da vida no planeta Terra.

- Nos próximos 25 anos, ou a agricultura vai ser ecológica, ou não vamos ter agricultura, disse Weid, presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE) nos anos 1970, atualmente diretor da ONG Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa (AS-PTA).

Além de estar representada no painel da terceira sessão temática, a CONTAG colaborou na oferta de uma oficina sobre o “Consórcio da Juventude Rural”. Outras oficinas ou mini-cursos à disposição dos jovens e educadores eram: “Agrobiodiversidade” (CEDEJOR); “Agroecologia” (CEDEJOR); “Agroindústria” (MEPES); “Crédito/Financiamento” (SERTA); “Desenvolvimento territorial” (IICA); “Desenvolvimento rural” (SERTA); “Economia solidária” (Banco Palmas); “Manejo de recursos naturais” (SERTA); “Metodologias participativas” (SERTA); “Mobilização social” (MOC); “Multifuncionalidade” (CEDEJOR); “Pluriatividade” (Ademir Cazella, UFSC); “Preservação da natureza” (IICA); “Pedagogia da Alternância” (João Batista de Queiroz, UCB).

A palestra inaugural foi de Humberto Oliveira, da Secretaria de Desenvolvimento Territorial do MDA, que aproveitou para anunciar os “Territórios da Cidadania”, programa que visa unificar ações de secretarias e ministérios para que as políticas públicas sejam desenvolvidas de forma articulada com os interesses dos atores locais. Especialmente a partir das demandas dos jovens. A importância da participação juvenil na formulação de políticas públicas foi, justamente, o foco da primeira sessão temática. Abrindo o painel de debates, Emanuel Sobrinho, coordenador de Juventude do MOC, apresentou a experiência desenvolvida pelos “Coletivos de Jovens” no semi-árido baiano. “Com os coletivos, os jovens estão se empoderando, se transformando em ator político efetivo”, afirmou Emanuel, lembrando que a experiência da chamada Região do Sisal não deve ser vista como modelo, mas como inspiração para articulações e mobilizações genuínas.

Em complemento, a antropóloga Regina Novaes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), indicou que o grande desafio é a multiplicação dessas experiências, salientando que o caminho será mais fácil se for adotada uma perspectiva intergeracional e intersetorial para se tratar das questões que afligem a juventude. “O debate deve ser feito entre os jovens. Mas o apoio dos adultos é fundamental. As demandas da juventude devem ser abordadas de uma maneira ampla, já que os problemas dela dizem respeito a outros segmentos sociais. A falta de espaços de lazer e cultura, a baixa qualidade da educação, o desemprego e a violência atingem a muitos outros grupos. Se vocês se unirem, a mudança será mais rápida e profunda”, afirmou a pesquisadora.

Mudanças mais rápidas e profundas também virão se as tecnologias alternativas de educação e desenvolvimento forem efetivamente reconhecidas pelos poderes públicos. Esta foi a mensagem de Abdalaziz Moura, presidente do SERTA, no segundo dia de debates. “Em se tratando de tecnologias alternativas, aquilo que era tido como técnica de subsistência, hoje é visto como extrema sofisticação, dada a sua capacidade de produzir sem poluir, promovendo, inclusive, novas relações sociais. Assim, o que era ‘coisa de ONG’ ganhou comprovação científica, tendo sua **EFICIÊNCIA AMBIENTAL, SOCIAL E ECONÔMICA COMPROVADA**. Mas, queremos que essas tecnologias se tornem políticas públicas, sendo o norte dos sistemas de assistência técnica agrícola, com reconhecimento social e legal”, destacou o educador.

Porém, como visto na terceira sessão temática, nem mesmo a transformação das demandas em políticas públicas garante a sua concretização. Apesar de reconhecer avanços, Maria Elenice Anastácio, coordenadora de Juventude da **CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES NA AGRICULTURA (CONTAG)**, lembrou das dificuldades que os jovens encontram para acessar as políticas governamentais. “No caso do PRONAF-Jovem, por exemplo, a exigência de capacitação de cem horas como pré-requisito acaba sendo uma forma de punição para os que

não tiveram oportunidade de participar de um curso de formação. Já no caso dos que conseguem financiamento, a barreira está na falta de assistência técnica especializada, o que não nos permite desenvolver de forma adequada nossa unidade produtiva”, afirmou a sindicalista.

Fabiano Kempfer, coordenador de Políticas da Juventude da Secretaria de Reordenamento Agrário do MDA, reforçou que a intenção do governo é aperfeiçoar suas ações, o que para tal depende de uma aproximação maior com as lideranças juvenis. “O MDA pretende transformar as políticas públicas de acesso à terra em uma ação integral. Nós vemos a agricultura familiar como uma importante fonte de desenvolvimento não só do campo, mas de toda a sociedade. O instrumento de crédito, nesse sentido, é uma alavanca para o desenvolvimento da juventude agrícola. A ampliação do investimento nesse público é fundamental. E, para isso, precisamos nos aproximar dos jovens rurais para sabermos o que pensam e o que querem, assim como de suas necessidades”, assinalou Kempfer.



└ POLÍTICAS PÚBLICAS “DA” JUVENTUDE

É um passo para a transformação das políticas “para” juventude em políticas públicas “da” juventude foi dado com a apresentação das resoluções da II Jornada na **SESSÃO ESPECIAL NO CONGRESSO NACIONAL**, no dia 20/09. Foi com o auditório Nereu Ramos lotado que Sebastiana Cruz, do MOC, e Christian Wagner, do CEDEJOR, expuseram – com a leitura da “Carta da II Jornada Nacional do Jovem Rural” – as propostas da juventude para o desenvolvimento sustentável dos territórios rurais.

Além da ampliação do acesso a direitos sociais básicos (saúde, cultura, esporte, lazer e segurança) os jovens pleitearam: maior atenção do poder público para a desburocratização do crédito; reconhecimento do papel estratégico da própria juventude para combater a histórica tendência do êxodo para as cidades; o reconhecimento de iniciativas públicas não-estatais de educação popular realizadas no campo; e, em complemento, a ênfase numa proposta de ensino técnico e extensão rural com base numa perspectiva agroecológica.

A sessão contou com as presenças de Arlindo Chinaglia (PT-SP), presidente da Câmara dos Deputados, das deputadas Janete Pietá (PT-SP) e Rita Camata (PMDB-ES), Lélío Bentes Corrêa, ministro do Tribunal Superior do Trabalho (TST), Marco Aurélio Loureiro, diretor de Apoio a Projetos Especiais do Ministério do Desenvolvimento Social e, entre outras, Helen Dantas, presidente do Conselho Nacional da Juventude.

As apresentações da Jornada Cultural:

- Dança indígena (ARCAFAR/AM);
- As duas caras do Brasil (MOC);
- Verdulino sem o verde (ARCAFAR/SUL);
- Dança do café (MEPES);
- Invernada artística (CEDEJOR);
- Danças populares (SERTA);
- Chegança (Formação);
- Sonhos de uma noite de verão (CEDEJOR);
- Faz chover (MEPES);
- O sertão tem (MOC);
- Dança Alemã Vale das Águas (CEDEJOR).

Além da leitura da carta, e da apresentação do Cordel da II Jornada pelo jovem Marciano Rodrigues — do município de menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do País, Manari (PE) — as autoridades puderam apreciar um pouco do que aconteceu na **JORNADA CULTURAL**, evento paralelo, viabilizado pelo MinC, através da Lei Federal de Incentivo à Cultura, que mostrou diversas manifestações artísticas da nossa juventude rural. “Geralmente os protestos nesta casa se caracterizam pela exposição da miséria. Nós, jovens e educadores da II Jornada Nacional do Jovem Rural, optamos por mostrar o que estamos fazendo para transformar o meio rural brasileiro. O campo não é sobra, resto. É lugar de vida e beleza e é assim que ele quer ser reconhecido”, afirmou Abdalaziz Moura, presidente do SERTA.

Emoção similar já tinha sido manifestada por Beto Cury, titular da Secretaria Nacional de Juventude, quando recebeu no Palácio do Planalto, a pedido do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, na manhã do mesmo dia 20/09, uma comissão de 16 jovens da II Jornada. “Foi um momento importante para nós, que recebemos pouca atenção dos políticos e da imprensa. Eu, por exemplo, pedi ao secretário que olhasse com mais carinho para os projetos de educação que buscam dar uma formação mais adequada à realidade do campo”, disse Josiane da Silva, que integra uma das turmas do PEJR em Santa Catarina.



CONSELHO NACIONAL DA JUVENTUDE

E 2007 também foi o ano de estréia do Instituto Souza Cruz na Assembléia de Eleição da representação da sociedade civil do Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE), para o biênio 2008-2009. Lá, ajudou a eleger o MOC, entidade parceira na RFI, entre as 40 instituições que vão atuar na defesa e promoção dos direitos da juventude. O CONJUVE, órgão consultivo da do Governo Federal, tem o objetivo de propor estratégias de acompanhamento e avaliação da política nacional de juventude e promover estudos, debates e pesquisas sobre a situação juvenil, visando contribuir na elaboração de políticas públicas para assegurar e ampliar os direitos da juventude no país.



COMUNICAÇÃO ESTRATÉGICA



TRATA-SE DE UMA AÇÃO SOCIAL [A DO INSTITUTO SOUZA CRUZ], QUE NÃO SE LIMITA A FAZER, MAS PROCURA INFLUIR PARA QUE OUTRAS ORGANIZAÇÕES FAÇAM MAIS E MELHOR POR ESTE SEGMENTO DA JUVENTUDE [O JOVEM RURAL].

ANTONIO CARLOS GOMES DA COSTA, *educador brasileiro*



A frase de abertura desta seção, colhida de uma recente entrevista publicada em www.institutosouzacruz.org.br, expressa bem o terceiro objetivo estratégico a que se dedica a organização. Na visão do Instituto Souza Cruz, a produção, a sistematização e a disseminação de conhecimentos sobre o processo de formação integral dos jovens rurais é fundamental para o estabelecimento de uma qualitativa Educação do Campo, voltada para a promoção sustentável dos territórios rurais em que predomina a agricultura familiar. Não por acaso, é que, desde o início, a rotina da instituição tem sido de aprender, compartilhar e difundir conhecimentos sobre a causa que decidiu abraçar.

Isto pode ser constatado no próprio site, onde um crescente número de internautas tem encontrado informações valiosas, não só sobre as atividades desenvolvidas no âmbito do PEJR ou da RFI, mas especialmente sobre as questões que afetam a vida, o presente e o futuro dos jovens rurais. “Tem sido um desafio constante dar conta de tantos temas, que vão das questões da juventude no Brasil às relativas ao desenvolvimento rural sustentável, passando pelo debate sobre os limites e as potencialidades do terceiro setor. Mas o investimento tem valido a pena, tanto pelos resultados que vimos obtendo, com aumento constante das visitas diárias e dos assinantes da nossa newsletter, mas, principalmente, pelo nosso crescimento profissional”, afirma o jornalista Guilherme Mattoso.

Andrea Guedes, que também integra a equipe de Comunicação do Instituto Souza Cruz, aponta outro indício do bom andamento do trabalho: “Já estamos virando ‘fonte’ para outros veículos, sendo constantemente procurados para compartilhar informações e conteúdos, inclusive para dar entrevistas, publicar artigos e assinar colunas. Isso facilita o nosso trabalho de divulgação porque os repórteres percebem que não estamos, simplesmente, mostrando as ações da entidade e seus parceiros, mas sim advogando uma causa justa e importante para a sociedade, contribuindo para dar mais visibilidade às ações e aspirações de parcela expressiva dos jovens rurais brasileiros”, defende a jornalista.



JUVENTUDES RURAIS

Durante a II Jornada Nacional do Jovem Rural foi lançado um dos mais importantes **INVESTIMENTOS EDITORIAIS** do Instituto Souza Cruz em 2007: o livro “Juventudes rurais: cultura e desenvolvimento”, com imagens de Gustavo Stephan e texto de Maurício Barros de Castro. A proposta nasceu da exposição itinerante “Terra & Juventude”, de 2005, que reuniu centenas de imagens registradas pelas lentes de Stephan, repórter de O Globo, especializado em fotografia documental. “Com o êxito do primeiro trabalho que fiz com o Instituto Souza Cruz, vislumbrei uma publicação que pudesse espelhar de forma ampla o que vem sendo feito em prol dos jovens rurais em todas as regiões do país. Foi com esse intuito que percorremos diversas localidades para demonstrar que a preocupação com a formação desses jovens mobiliza um número expressivo de organizações e pessoas que ainda não contam com o devido reconhecimento”, explicou o fotógrafo.

O livro, que assim como a exposição (e o **VÍDEO HOMÔNIMO** que a acompanhava) contou com o apoio do MinC, através da Lei Rouanet, registra o cotidiano pedagógico das seguintes instituições: Associação Regional das Casas Familiares Rurais da Região Norte (ARCAFAR-Norte); CEDEJOR; Escola Família Agrícola de Orizona (GO), filiada à UNEFAB; MEPES; MOC; Programa de Formação de Jovens Empresários Rurais (PROJOVEM); e SERTA. Ele foi divulgado em noite de autógrafos, no dia 18/09, emocionando a muitos dos seus personagens. “Dizer o que sinto é complicado, é algo que não se traduz em palavras. Os autores buscaram a essência da nossa história. Desenvolvemos um lindo trabalho e outras pessoas poderão tomar parte disso. O livro vem fortalecer o que fazemos. Temos algo concreto para mostrar, para respaldar o nosso trabalho, que agora tem sua história eternizada”, afirmou Sebastiana Cruz, uma das fundadoras da **AGÊNCIA MANDACARU**, ligada ao MOC, que ficou responsável pelo fluxo de informações da II Jornada através do boletim Cata-Vento e da rádio-móvel que animava o ambiente com notícias, recados, entrevistas e músicas selecionadas pelos próprios jovens.



Outro investimento editorial do Instituto Souza Cruz no ano foi o apoio à quarta edição da Revista da Formação por Alternância, publicação da União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil (Unefab). O volume dedicou-se ao debate sobre o papel do monitor na Pedagogia da Alternância. A publicação reúne artigos, relatos de experiências, informes, recomendações de leitura e dados dos CEFFAs.



A exposição “Terra & Juventude” foi brevemente reeditada em 2007, de 25 de setembro a 5 de outubro, pelo Espaço Vip Perdigão, em parceria com a Biblioteca do Campus de Joaçaba da Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC). Em julho, o vídeo, dirigido por Marcelo Goulart, ganhou o terceiro lugar, na categoria Curtas, no I Festival Internacional de Cinema e Vídeo Rural de Piratuba, em Santa Catarina. Durante a II Jornada, vale lembrar, foi rodado um novo filme, “Jornadas e juventudes rurais”, dirigido pelo sociólogo Beto Novaes e produzido pela cineasta Aída Marques, a ser distribuído no primeiro semestre de 2008.



O trabalho da Agência Mandacaru pode ser apreciado nos Anais da II Jornada Nacional do Jovem, que em formato em DVD e CD resgata toda dinâmica do evento.



┘ MARCO SOCIAL E JOVENS EM CAMPO

E mantendo a tradição de abordar temas candentes do universo em que está inserido, o Instituto Souza Cruz dedicou a nona edição da Revista Marco Social ao tema “Multifuncionalidade e desenvolvimento rural”, contando novamente com um grupo qualificado de colaboradores. Elaborado sob o recente contexto social da agricultura européia, o conceito de multifuncionalidade vem despontando como importante ferramenta de análise para a compreensão da complexa realidade da nossa agricultura familiar, mas também como um importante instrumento de ação sobre o meio social. “A noção da multifuncionalidade, apropriada ao contexto brasileiro, possibilita ampliar o olhar sobre a participação e contribuição da agricultura familiar na economia mercantil, na proteção do meio ambiente e da biodiversidade, na reprodução social das famílias e na manutenção de um tecido social vivo e dinâmico nas localidades rurais”, defendeu, na apresentação da revista, a antropóloga Maria José Carneiro, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

De julho de 2001 a junho de 2007, o informativo teve 27 edições. No último número, a matéria principal abordou as dificuldades dos jovens encontrarem o “primeiro emprego”, com destaque para a entrevista com Paulo Carrano, coordenador do Observatório Jovem da UFF. O informativo apresenta, ainda, a Experiência de Sucesso da associação Acolhida na Colônia, em Santa Rosa de Lima (SC) e mostra como o PEJR trabalha a consciência da preservação ambiental através de práticas sustentáveis.

Já o **BOLETIM DO INSTITUTO SOUZA CRUZ**, em 2007, deu lugar a uma nova publicação. Com o refinamento do foco de atuação e a expansão do Programa Empreendedorismo do Jovem Rural, o Instituto percebeu que o informativo, antes dedicado a diversos temas, poderia se tornar um efetivo instrumento para o fortalecimento da causa dos jovens rurais. Com base em debates, pesquisas, idéias, e com a colaboração dos próprios jovens, surgiu Jovens em Campo, com novo layout, novas seções, distribuídas em quatro páginas e periodicidade bimestral. Agora, além das notícias sobre o PEJR e outras iniciativas em prol do desenvolvimento rural sustentável, dedica um espaço para textos produzidos pelos próprios jovens. “O

PEJR, na sua busca de proporcionar espaços planejados de aprendizagem, tem a preocupação de desenvolver um conjunto de habilidades e competências exigidas para a convivência social. E para tal, ampara-se no que o sociólogo e educador colombiano José Bernardo Toro chamou de Códigos da Modernidade. Entre os quais destaque: o domínio cada vez maior da leitura e da escrita, fundamental para que o jovem tenha voz e autoria; e a capacidade de receber de forma crítica as informações e interagir com as diversas linguagens advindas dos meios de comunicação. É com esse sentido que estamos abrindo oportunidades para que eles possam expor seus pontos de vistas e exercer as mais variadas formas de expressão”, explica o jornalista Marcos Marques de Oliveira, consultor de Comunicação para o Desenvolvimento Social do Instituto Souza Cruz.

Uma dessas oportunidades veio com a I Oficina de Comunicação do PEJR, realizada, com 26 participantes, entre os dias 23 e 25/07, em Florianópolis (SC). O objetivo do encontro foi desenvolver práticas de redação e técnicas jornalísticas para capacitar os participantes selecionados para serem os “Correspondentes de Comunicação” do programa. Na ocasião, eles tiveram a oportunidade de escolher o nome do novo informativo, além de opinar sobre layout, futuras pautas e seções. Ministrada pela jornalista Maria Aparecida Ferraz, professora da Universidade Estadual da Bahia (UNEB), a oficina possibilitou uma positiva troca de experiências, o contato com noções básicas da prática jornalística, assim como exercícios de redação acompanhados de textos e poesias de renomados autores brasileiros, como Clarice Lispector, Murilo Mendes e Cecília Meireles. O resultado foi um aflorar de criatividade que surpreendeu a alguns de seus participantes: “Descobri, em mim, um talento até então desconhecido”, afirmou, na avaliação do encontro, Rodrigo Paloschi, jovem de uma das turmas do PEJR em Santa Catarina.

No dia 25, os correspondentes puderam observar na prática o que aprenderam em teoria. Pela manhã, visitaram a redação do jornal Diário Catarinense e conversaram com o editor-chefe, Claudio Thomas. Depois do almoço, eles descobriram todos os passos da impressão de um jornal, durante a visita ao parque gráfico do mesmo jornal. Ao final, além da saudade dos novos colegas, os participantes manifestaram o desejo de continuar escrevendo e pediram a realização de **MAIS OFICINAS**. “A iniciativa representa mais um passo para potencializar o protagonismo da juventude rural, mas também dos próprios educadores. A participação destes, vale ressaltar, tem sido fundamental para a difusão das ações do PEJR nos territórios rurais, ampliando de forma exponencial nossa capacidade de dialogar com os meios de comunicação do interior, que cumprem papel importantíssimo no desenvolvimento de suas regiões”, registra Marcos Marques.



Entre 10 e 12/09, foi realizada mais uma oficina, em Lauro Müller (SC), ministrada pela jornalista Simone Orlando, reunindo 16 participantes, entre jovens e egressos do CEDEJOR Encostas da Serra Geral. O foco foi, além de oferecer uma visão panorâmica sobre o papel das mídias nas sociedades contemporâneas, capacitá-los para colaborar não só no Jovens em Campo, mas também em outros veículos de comunicação, tal como os sites do Instituto Souza Cruz e o do CEDEJOR, com lançamento previsto para 2008.



AÇÕES COMPLEMENTARES



DIANTE DA DEBILIDADE DO CAPITAL SOCIOCULTURAL DA POPULAÇÃO DO CAMPO, DECORRENTE DO DESAMPARO HISTÓRICO A QUE VEM SENDO SUBMETIDA, E QUE SE REFLETE NOS ALTOS ÍNDICES DE ANALFABETISMO, A OFERTA DE UM ENSINO DE QUALIDADE SE TRANSFORMA NUMA DAS AÇÕES PRIORITÁRIAS PARA O RESGATE SOCIAL DESSA POPULAÇÃO. A EDUCAÇÃO, ISOLADAMENTE, PODE NÃO RESOLVER OS PROBLEMAS DO CAMPO E DA SOCIEDADE, MAS É UM DOS CAMINHOS PARA A PROMOÇÃO DA INCLUSÃO SOCIAL E DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL.

INEP, *Panorama da Educação no Campo*



Os dados e indicadores apresentados no “Panorama da Educação no Campo”, documento publicado, em 2007, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), revelam um quadro já bastante conhecido, que retrata as debilidades e carências na infra-estrutura escolar e nas condições de oferta educacional no meio rural. Embora tenha havido no Brasil, nos últimos anos, importantes avanços na ampliação da cobertura escolar, especialmente no Ensino Fundamental, persistem acentuados déficits de eficiência e qualidade, que se mostram mais agudos nos indicadores de fluxo escolar (promoção, repetência e evasão) da educação no campo.

Baixos salários, infra-estrutura inadequada, falta de professores e, entre outros, ínfima qualificação docente não são problemas exclusivos dos 96.557 estabelecimentos de educação básica localizados na área rural, que atendem 7.647.738 estudantes (Censo Escolar 2005, MEC). Mas, dada a gravidade da situação, a construção de uma política nacional, asseguradora do direito básico a uma educação de qualidade a esses brasileiros, para respeitar a diversidade cultural e reconhecer a realidade diferenciada do campo, não pode ser tarefa exclusiva de governos. É mais que urgente e necessária a participação de todos os setores sociais para mudar esse quadro.

A seguir, listamos as ações que o Instituto Souza Cruz, em importantes parcerias, vem fazendo, de forma complementar e articulada aos seus três objetivos estratégicos, para garantir, prioritariamente às pessoas que vivem no meio rural, o atendimento adequado de suas necessidades educativas, condição *sine qua non* para a inclusão e a justiça social que caracterizam toda e qualquer proposta de desenvolvimento sustentável.

┘ JORNADA ESCOLAR AMPLIADA

O Jornada Escolar Ampliada é um projeto desenvolvido pela Souza Cruz S/A em parceria com Conselhos Municipais dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA's), organizações não-governamentais e prefeituras, e que recebe o apoio gerencial do Instituto Souza Cruz. A promoção de uma educação rural de qualidade é o objetivo do projeto, que só em 2007 beneficiou diretamente mais de 6 mil estudantes em 25 municípios, através de quase R\$ 2 milhões investidos no Fundo da Infância e Adolescência (FIA) – para o qual vai parcela do Imposto de Renda devido da empresa. “No total de sete anos, foram investidos cerca de R\$ 7 milhões, em mais de 90 municípios, atendendo a um público superior a 23 mil pessoas. Acreditamos, como ensina o economista Armatya Sen, Prêmio Nobel de Economia de 1998, que com oportunidades sociais adequadas, os indivíduos podem efetivamente moldar seus próprios destinos e ajudar uns aos outros”, afirma Simone Amorim, integrante do Instituto Souza Cruz responsável pela avaliação dos projetos e a aplicação dos recursos.

Dentre os resultados do ano passado, destacam-se: no Rio Grande do Sul, a construção de uma quadra de esportes em Rio Pardo e a edificação do Centro Cultural Construindo o Saber, no município de Dr. Ricardo; no Paraná, a inauguração do Centro Municipal de Educação Infantil Marco Antônio Schiavo, na cidade de Planalto, e a reforma da Casa Familiar Rural de Santo Antônio do Sudoeste; e, em Santa Catarina, a reforma do prédio da Escola Municipal de Indaia, em Petrolândia (SC), e o projeto de reforma da Casa Familiar Rural de Modelo. A articulação entre instituições governamentais, a sociedade civil organizada e as ações de responsabilidade social da empresa vêm permitindo, como nos projetos acima citados, o melhor aproveitamento de áreas e prédios públicos.

Mas, mais do que a melhoria de espaço físico, os beneficiários do Jornada Escolar Ampliada estão tendo a possibilidade de ter uma formação integral através do desenvolvimento de inúmeras atividades extra-curriculares, com o apoio de profissionais capacitados para a promoção de iniciativas educacionais, culturais e de lazer. Como afirmou o prefeito Celso Heidemann, durante a inauguração, em setembro, do “Espaço Equiparar” em Santa Rosa de Lima (SC): “temos a certeza que estaremos, muito em breve, colhendo os frutos deste importante trabalho”.

GRUPO LIDE/EDH

E frutos já estão sendo colhidos em outra iniciativa em prol da melhoria do ensino público brasileiro apoiada pelo Instituto Souza Cruz. Desde 2003, a entidade integra o LIDE/EDH - Grupo Líderes Empresariais / "Empresários pelo Desenvolvimento Humano", que com o Instituto Ayrton Senna investe nos programas Se Liga e Acelera, em Pernambuco e Paraíba, e SuperAção Jovem, em São Paulo.

Os dois primeiros visam combater os principais males do nosso sistema de ensino: a repetência, devido aos baixos níveis de aprendizagem; e a defasagem entre idade e série dos alunos. Em Pernambuco, no ano de 2007, foram atendidos 142.047 alunos, em 179 municípios – um crescimento de 18,5% em relação a 2006. Na Paraíba, 18.692 alunos foram beneficiados em 133 cidades.

Já com o SuperAção Jovem, que complementa o ensino formal através do estímulo de projetos criativos que visam solucionar os problemas comunitários e escolares, foram alcançados 184.520 jovens, em 1.660 escolas de 563 municípios, formando ainda 8.716 educadores. A aposta, em 2007, foi em projetos de incentivo à leitura, através da mobilização da comunidade educativa e da melhoria das bibliotecas escolares.

Mais informações: www.lide-edh.org.br.

ALFABETIZAÇÃO SOLIDÁRIA

Outra aliança de longa data, desde 2000, o Instituto Souza Cruz vem estabelecendo com a **ALFABETIZAÇÃO SOLIDÁRIA (ALFASOL)**, organização da sociedade civil sem fins lucrativos e de utilidade pública que adota um modelo de alfabetização inicial, inovador e de baixo custo, com base em parcerias com os mais diversos setores da sociedade.

Na parceria com o Instituto Souza Cruz, a população beneficiada é do município de Garanhuns, no interior de Pernambuco, onde ocorreu, em 2007, a formação de 17 turmas de alfabetização, a capacitação de 17 educadores e um coordenador, que ficaram responsáveis pelo atendimento de 425 alunos. Só nos últimos três anos, o número total de adultos alfabetizados chegou a 1.175.

Mais informações: www.alfabetizacaosolidaria.org.br



A AlfaSol trabalha desde janeiro 1997 pela redução dos altos índices de analfabetismo e pelo fortalecimento da oferta pública de Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil. Nessa caminhada, já atendeu 5,3 milhões de alunos e capacitou 244 mil alfabetizadores, em 2.099 municípios.



▮ CLUBE DA ÁRVORE E HORTAS ESCOLARES

O Clube da Árvore chegou ao seu 25º ano de existência com o tema “Na natureza tudo se transforma em mais natureza”. Em 2007, o programa de conscientização ambiental – criado pela Souza Cruz S/A em 1982 e adotado pelo Instituto Souza Cruz desde 2000 – foi desenvolvido em 1.243 escolas públicas e particulares, em 661 municípios de 17 estados brasileiros.

Articulando teoria e prática, o Clube ajudou os 26.650 alunos e os 1.282 professores participantes a transformar o ato de plantar numa divertida brincadeira, que colabora para a preservação ambiental do Planeta Terra. Durante o ano, os grupos receberam os kits de materiais (cartazes, livros, agenda, cadernos e calendário), além de duas edições da Revista do Clube, que através de uma linguagem figurativa e criativa buscavam despertar na moçada a importância da reciclagem. Para reforçar o conceito, as próprias peças elaboradas eram reaproveitáveis.

A estimativa é que, em 2007, foram plantadas cerca de 200 mil mudas, através das sementes distribuídas com os kits. No total do quarto de século de vida do Clube da Árvore, calcula-se que 15 milhões de árvores foram plantadas, ajudando a melhorar a qualidade de vida das comunidades onde os clubes atuam.

Já o Hortas Escolas, programa que visa criar hábitos alimentares saudáveis (criado pela Souza Cruz S/A em 1985 e implementado pelo Instituto Souza Cruz desde 2000 – sempre em parceria com a Gazeta Grupo de Comunicações), em 2007 foi utilizado por 486 escolas públicas de 42 municípios do Rio Grande do Sul, atingindo 38.116 alunos e 492 professores.



DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS



┌ Balanços patrimoniais em 31 de dezembro

EM MILHARES DE REAIS

┌ ATIVO	2007	2006
CIRCULANTE		
Disponibilidades	2.029	102
Títulos e valores mobiliários	6.135	8.440
Despesas antecipadas e outros	2	-
	8.166	8.542
PERMANENTE		
Investimentos	-	30
Imobilizado	1	2
	1	32
TOTAL DO ATIVO	8.167	8.574

┌ PASSIVO E PATRIMÔNIO SOCIAL

CIRCULANTE		
Fornecedores	197	159
Outros impostos a recolher	6	12
Empréstimos de Mantenedora	-	501
	203	672
PATRIMÔNIO SOCIAL	7.964	7.902
TOTAL DO PASSIVO E PATRIMÔNIO SOCIAL	8.167	8.574

┌ Demonstrações do Superávit

EXERCÍCIOS FINDOS EM 31 DE DEZEMBRO
EM MILHARES DE REAIS

	2007	2006
RECEITAS OPERACIONAIS		
De doação	2.976	6.139
Financeiras	872	578
	3.848	6.717
DESPESAS OPERACIONAIS		
Com projetos	3.160	3.464
Gerais	598	205
Financeiras	28	21
	3.786	3.690
SUPERÁVIT DO EXERCÍCIO	62	3.027

■ Demonstrações das mutações do patrimônio social

EM MILHARES DE REAIS

	SUPERÁVIT ACUMULADO
Saldo em 31 de dezembro de 2005	4.875
Superávit do exercício	3.027
Saldo em 31 de dezembro de 2006	7.902
Superávit do exercício	62
Saldo em 31 de dezembro de 2007	7.964

■ Demonstrações das origens e aplicações de recursos

EXERCÍCIOS FINDOS EM 31 DE DEZEMBRO
EM MILHARES DE REAIS

	2007	2006
■ ORIGENS DOS RECURSOS		
Superávit do exercício	62	3.027
DESPESA QUE NÃO AFETA O CAPITAL CIRCULANTE		
Depreciação e amortização	1	1
	63	3.028
Venda de bens do ativo permanente	30	-
TOTAL DOS RECURSOS OBTIDOS	93	3.028
AUMENTO DO CAPITAL CIRCULANTE	93	3.028
■ VARIAÇÕES NO CAPITAL CIRCULANTE:		
Aumento (Redução) do Ativo Circulante	(376)	3.633
Aumento (Redução) do Passivo Circulante	(469)	605
AUMENTO DO CAPITAL CIRCULANTE	93	3.028





┘ Notas explicativas da administração às demonstrações financeiras em 31 de dezembro de 2007 e 2006

EM MILHARES DE REAIS

1 ┘ CONTEXTO OPERACIONAL

O Instituto Souza Cruz é uma associação civil de natureza educacional e cultural, sem fins lucrativos, fundada em 27 de junho de 2000, concebida para a promoção de ações sócioeducacionais e culturais que contribuam para o desenvolvimento sustentável do cidadão brasileiro.

Atualmente, as fontes de recursos para o custeio do Instituto provêm de doações, substancialmente, da Souza Cruz S.A. Anualmente, o Instituto obtém o compromisso da sua mantenedora de custear seu orçamento operacional. O fluxo de caixa dessas doações é planejado de forma a otimizar a gestão do caixa das partes envolvidas.

Em caso de extinção do Instituto, o seu patrimônio reverterá em benefício de uma instituição congênere devidamente qualificada como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público - OSCIP.

2 ┘ APRESENTAÇÃO DAS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS E PRINCIPAIS PRÁTICAS CONTÁBEIS

A. APURAÇÃO DO RESULTADO

As receitas de doações são registradas quando efetivamente recebidas. As demais receitas e as despesas são reconhecidas pelo regime de competência.

B. ATIVOS CIRCULANTE

Os títulos e valores mobiliários são registrados ao custo, acrescido dos rendimentos auferidos até a data do balanço. Os demais ativos estão apresentados aos valores de realização.

C. PASSIVO CIRCULANTE

É demonstrado por valores conhecidos ou calculáveis. Em 2006, os "Empréstimos de mantenedora" representa o contrato de mútuo obtido da Souza Cruz S.A., a prazos e condições de mercado, liquidado em janeiro de 2007.

3 TÍTULOS E VALORES MOBILIÁRIOS

Representam investimentos em operações compromissadas (debêntures) e em quotas de fundos de investimento financeiro (renda fixa), todos com liquidez imediata, e incluem os rendimentos apropriados em base pro rata dia. Em 31 de dezembro de 2007 e de 2006, os títulos e valores mobiliários podem assim ser resumidos:

	2007	2006
Operações Compromissadas (Debêntures)	5.613	8.440
Quotas de Fundos de Investimento Financeiro (Renda Fixa)	522	-
	<u>6.135</u>	<u>8.440</u>

Os investimentos em quotas de fundos de investimento financeiro estão custodiados no SELIC - Sistema Especial de Liquidação e Custódia e esses fundos são administrados pelo Banco Itaú S.A.

4 IMPOSTO DE RENDA E CONTRIBUIÇÃO SOCIAL

O Instituto Souza Cruz é uma entidade sem fins lucrativos e isento do imposto de renda e contribuição social, quando apurado superávit. Para tanto, cumpre certos requisitos consignados no seu estatuto social, como: não remunerar seus dirigentes, aplicar seus recursos integralmente na manutenção e desenvolvimento dos seus objetivos sociais e, no caso de sua extinção, destinar o seu patrimônio social a entidade congênere devidamente qualificada como OSCIP. Tais obrigações não a desobriga da apresentação da Declaração de Informações Econômico-Fiscais da Pessoa Jurídica - DIPJ, anualmente.





┃ Parecer dos auditores independentes

**Aos Conselheiros e Diretores
Instituto Souza Cruz**

- 1** ┃ Examinamos os balanços patrimoniais do Instituto Souza Cruz em 31 de dezembro de 2007 e de 2006 e as correspondentes demonstrações do superávit, das mutações do patrimônio social e das origens e aplicações de recursos dos exercícios findos nessas datas, elaborados sob a responsabilidade de sua administração. Nossa responsabilidade é a de emitir parecer sobre essas demonstrações financeiras.
- 2** ┃ Nossos exames foram conduzidos de acordo com as normas de auditoria aplicáveis no Brasil, as quais requerem que os exames sejam realizados com o objetivo de comprovar a adequada apresentação das demonstrações financeiras em todos os seus aspectos relevantes. Portanto, nossos exames compreenderam, entre outros procedimentos: (a) o planejamento dos trabalhos, considerando a relevância dos saldos, o volume de transações e os sistemas contábil e de controles internos da entidade, (b) a constatação, com base em testes, das evidências e dos registros que suportam os valores e as informações contábeis divulgados e (c) a avaliação das práticas e estimativas contábeis mais representativas adotadas pela administração da entidade, bem como da apresentação das demonstrações financeiras tomadas em conjunto.
- 3** ┃ Somos de parecer que as referidas demonstrações financeiras apresentam adequadamente, em todos os aspectos relevantes, a posição patrimonial e financeira do Instituto Souza Cruz em 31 de dezembro de 2007 e de 2006 e o superávit, as mutações do patrimônio social e as origens e aplicações de recursos dos exercícios findos nessas datas, de acordo com as práticas contábeis adotadas no Brasil.

Rio de Janeiro, 11 de fevereiro de 2008

PricewaterhouseCoopers

Auditores Independentes
CRC 2SP000160/O-5 "F" RJ

João César de Oliveira Lima Júnior

Contador CRC 1RJ077431/O-8



PARCERIAS DE 2007

PARCEIROS INSTITUCIONAIS

PEJR E RFI

Agência de Desenvolvimento Social das Encostas da Serra Geral
ÁGERE - Cooperação em Advocacy
Associação das Escolas das Comunidades e Famílias Agrícolas da Bahia (AECOFABA)
Associação das Escolas Famílias Agrícolas do Centro Oeste e Tocantins (AEFACOT)
Associação das Escolas Famílias Agrícolas de Rondônia (AEFARO)
Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia
Associação dos Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral (AGRECO)
Associação Mineira da Escola Família Agrícola (AMEFA)
Associação Regional das Casas Familiares da Amazônia (ARCAFAR/AM)
Associação Regional das Casas Familiares Rurais do Sul do Brasil (ARCAFAR-SUL)
Banco Palmas
Centro de Desenvolvimento Comunitário Rural (CEDECOR)
Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural (CEDEJOR)
Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG)
Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI/SC)
Formação - Centro de Apoio à Educação Básica
Fundação Odebrecht
Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo (ITESP)
Instituto Bélgica Nova Friburgo (IBELGA)
Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA)
Ministério da Cultura (MinC)
Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA)
Movimento de Educação Promocional do Estado do Espírito Santo (MEPES)
Movimento de Organização Comunitária (MOC)
Prefeituras Municipais dos territórios de influência do PEJR (conferir mapas)
Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação (SECAD/MEC)
Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Santa Catarina (SEBRAE Nacional)
Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Santa Catarina (SEBRAE/SC)
Serviço de Tecnologia Alternativa (SERTA)
Sindicato dos Trabalhadores e Empregados Rurais do Estado de São Paulo (STER/SP)
União das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil (UNEFAB)
União das Associações das Escolas Famílias Agrícolas do Maranhão (UAEFAMA)
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS)
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Universidade Federal de Viçosa (UFV)

▮ CLUBE DA ÁRVORE

1.243 escolas de 17 estados brasileiros

▮ HORTAS ESCOLARES

486 escolas de 41 municípios do Rio Grande do Sul
Grupo Gazeta de Comunicações

▮ OUTRAS INICIATIVAS

Alfabetização Solidária (AlfaSol)
Fundação Antônio Carlos e Maria José Gomes da Costa (FAMJ)
Grupo Líderes Empresariais (LIDE) / Empresários pelo Desenvolvimento Humano (EDH)
Instituto Ethos
Instituto Ayrton Senna

▮ PARCEIROS TÉCNICOS

6D Estúdio
Approach Comunicação
Atual Rio Eventos
Bettadesign
Carvalho Branco Serviços de Tradução Ltda.
Comunicação InVitro
Faganello Comunicações Ltda.
Fernando Portella Engenharia Cultural Ltda.
Instituto Fonte para o Desenvolvimento Social
LO Baptista Advogados & Associados
MP2 Comunicação
Pós Imagem Design Ltda.
Price Waterhouse & Coopers
RH Digital

▮ PARCEIROS INDIVIDUAIS

Gustavo Stephan de Souza
Marcelo Miná Dias
Maria Aparecida Ferraz
Maurício Barros de Castro
Paulo Emílio Lovato
Simone Orlando



EXPEDIENTE

INSTITUTO SOUZA CRUZ

PRESIDENTE

Dante Letti

DIRETORIA

Fernando Pinheiro

Dimar Paulo Frozza

CONSELHO FISCAL

Luís Rapparini

Paulo Clovis Ayres Filho

Márcio Ferraz

DIRETORIA-EXECUTIVA

Leticia Sampaio

EQUIPE

Luiz André Soares – Gestão de Projetos Sociais

Marcos Marques de Oliveira – Comunicação para o Desenvolvimento Social

Simone Rodrigues Amorim – Assuntos Corporativos

Rodolfo Lobato – Assessoria de Projetos Sociais

Guilherme de Queirós Mattoso – Assessoria de Comunicação

Andrea Guedes Costa – Assessoria de Comunicação

Mírian Nery Gomes – Assistente Administrativa

CLUBE DA ÁRVORE / HORTAS ESCOLARES

Flávio Goulart

Raquel Rabuske

Sandra Muller

Scheila Ruoso

CONSULTORES

Denise Nunes

Maria Iêda Lopes da Silva

Wilson Schmidt

RELATÓRIO DE ATIVIDADES 2007

Redação: Marcos Marques de Oliveira

Design: Pós-Imagem

Fotos: Acervo Instituto Souza Cruz e CEDEJOR

WWW.INSTITUTOSOUZACRUZ.ORG.BR

Rua da Candelária, 66/8º andar, Centro - Rio de Janeiro - RJ, CEP: 20.091-900

Telefone: (21) 3849-9619 | Fax: (21) 3849-9778

institutosouzacruz@institutosouzacruz.org.br